U.PORTO

FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

Relatório de Estágio – Escola Superior de Enfermagem do Porto

Ana Garcez

M

2021

Ana Garcez

Relatório de Estágio – Escola Superior de Enfermagem do Porto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada pela Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Ana Garcez

Relatório de Estágio – Escola Superior de Enfermagem do Porto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada pela Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

“A language is not just words. It’s a culture, a tradition, a unification of a community, a whole history that creates what a community is. It’s all embodied in a language.”

NOAM CHOMSKY

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos.”

EDUARDO GALEANO

Sumário

Declaração de honra 5
Agradecimentos 6
Resumo 7
Abstract 8
Índice de Tabelas 9
Índice de Gráficos 10
Lista de abreviaturas e siglas 11
Introdução 12
1. Capítulo 1: O estágio curricular 13
1.1 Apresentação do GDIAP-ESEP 13
1.2 Descrição do estágio 14
2.Capítulo 2: Enquadramento teórico 17
2.1Tradução inversa 17
2.2 Tradução técnica e científica 23
2.3 Características dos textos técnicos e científicos 25
2.3.1 O papel da tradução técnica e científica 28
2.3.2 Teorias da tradução aplicadas à tradução técnica e científica 30
2.3.3 Tradução médica 35
3. Capítulo 3: Análise dos projetos de tradução 38
3.1 Género textual e tipologia textual 38
3.2 Problemas e dificuldades encontrados 43
3.2.1 Problemas sintáticos 43
3.2.2 Adaptações culturais 52
3.2.3 Terminologia 54
3.2.4 Siglas e acrónimos 59
Considerações finais 63
Referências Bibliográficas 65
Anexos 68
Anexo 1 – Projetos de tradução 69
Anexo 2 – Plano de Estágio 72

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

PAREDES, 28 DE SETEMBRO DE 2021

ANA GARCEZ

Agradecimentos

Primeiramente queria agradecer à Professora Joana Guimarães por todo o acompanhamento, quer durante o estágio, quer durante a redação deste relatório. Queria também agradecer a todos os professores do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos por tanto me terem ensinado e por me terem feito gostar ainda mais de tradução.

Em segundo, gostaria igualmente de agradecer ao Gabinete de Divulgação, Imagem e Apoio a Publicações da Escola Superior de Enfermagem do Porto por me terem recebido e ajudado a desenvolver as minhas capacidades.

Queria também agradecer à minha família. Aos meus pais por nunca terem posto nenhum entrave no meu percurso académico e por terem apoiado cada decisão que tomei. Ao meu irmão, primos e tios por me fazerem rir em cada almoço e jantar.

Por fim, queria agradecer aos meus amigos. Aos que fiz na FLUP e me acompanharam na licenciatura e no mestrado e que agora continuam ao meu lado, em especial à Sara. À Catarina, à Milene e ao Diogo, que já vêm da escola secundária e sempre me motivaram a ser melhor e a querer mais.

Sem estas pessoas tudo teria sido mais difícil.

Resumo

O presente relatório de estágio pretende descrever o trabalho realizado no decorrer do estágio curricular realizado na Escola Superior de Enfermagem. O estágio nesta instituição consistiu na tradução de artigos científicos e de projetos para serem publicados no seu website e permitiu, não só consolidar e melhorar os conteúdos aprendidos no MTSL (Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos), como ter um primeiro contato com o mundo de trabalho na área da tradução.

O relatório encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro é feita a introdução ao local de estágio, bem como ao tipo de trabalhos realizados. O segundo capítulo foca-se numa perspetiva teórica, abordando assuntos e teorias relacionadas com o trabalho desenvolvido no estágio curricular. Por outro lado, o terceiro e último capítulo, foca-se numa perspetiva mais prática, abordando os vários problemas encontrados ao longo do estágio e as soluções encontradas para ultrapassar tais problemas.

Palavras-chave: tradução, tradução técnica e científica, tradução inversa, terminologia

Abstract

This report aims to describe the work done during the curricular internship held at the Nursing School of Porto. The internship in this institution consisted in translating scientific articles and projects to be published in their website and allowed not only to consolidate and improve the learned contents in the Master's in Translation and Linguistic Services, but also to have a first contact with the working world in the translation area.

The report is divided in three chapters. The first one introduces the internship location, as well as the type of work that was done. The second chapter focuses on a theoretical perspective, addressing issues and theories related to the work done in the curricular internship. The third and last chapter, focuses on a more practical perspective by addressing the several problems encountered during the internship and the solutions found to overcome said problems.

Keywords: translation, technical and scientific translation, inverse translation, terminology

Índice de Tabelas

TABELA 1- FERRAMENTAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO.....16

TABELA 2- EXEMPLOS DO USO DO PRESENTE DO INDICATIVO NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS TRADUZIDOS.....39

TABELA 3- ALGUNS EXEMPLOS DE CONECTORES DISCURSIVOS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS TRADUZIDOS.....40

TABELA 4- EXEMPLOS DO CARÁTER INSTRUCIONAL DE ALGUNS TEXTOS TRADUZIDOS.....41

TABELA 5- SEGMENTO TRADUZIDO DO ARTIGO *AUTONOMY ON SELF-CARE: ATTITTUDES ASSESSMENT (ASCAA)*.....44

TABELA 6- SEGMENTO TRADUZIDO DO PROJETO MDEVNET: REDE NACIONAL DE TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO DE DISPOSITIVOS MÉDICOS.....45

TABELA 7- EXEMPLO DE ELIMINAÇÃO DO GERÚNDIO.....46

TABELA 8- EXEMPLOS DE FRASES NA VOZ PASSIVA E SUA TRADUÇÃO.....48

TABELA 9- EXEMPLOS EM QUE A VOZ PASSIVA FOI MANTIDA.....48

TABELA 10- EXEMPLOS DE USO DE EXPRESSÕES E/OU SINÓNIMOS QUE FORAM ELIMINADOS NO TEXTO DE CHEGADA.....51

TABELA 11- EXEMPLOS DE TERMOS MÉDICOS RETIRADOS DOS DOCUMENTOS TRADUZIDOS.....57

TABELA 12- PROJETOS DE TRADUÇÃO REALIZADOS.....69

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- NÚMERO DE PROJETOS REALIZADOS 14
GRÁFICO 2- NÚMERO DE PALAVRAS TRADUZIDAS 15

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP ..... FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

MTSL ..... MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

GDIAP ..... GABINETE DE DIVULGAÇÃO, IMAGEM E APOIO A PUBLICAÇÕES

ESEP ..... ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DO PORTO

TP ..... TEXTO DE PARTIDA

TC ..... TEXTO DE CHEGADA

LP ..... LÍNGUA DE PARTIDA

LC ..... LÍNGUA DE CHEGADA

CC ..... CULTURA DE CHEGADA

Introdução

O presente relatório pretende descrever o estágio curricular realizado no Gabinete de Divulgação, Imagem e Apoio à Divulgação (GDIAP) na Escola Superior de Enfermagem do Porto e os trabalhos de tradução realizados no âmbito deste estágio.

Este relatório encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo será feita uma contextualização do estágio, ou seja, será realizada a apresentação do local de estágio, as condições onde este decorreu, como, por exemplo, os recursos utilizados, o número de horas e o volume de trabalho.

No segundo capítulo será introduzido um enquadramento teórico. Este capítulo, dividido em subcapítulos, abordará temas relacionados com o trabalho realizado no decorrer do estágio curricular, nomeadamente, a tradução inversa e a tradução técnico-científica. Neste último subcapítulo estão incluídas as características dos textos técnicos e científicos e possíveis diferenças entre os dois, o papel da tradução técnica e científica num mundo cada vez mais globalizado, as teorias de tradução que podem ser aplicadas a este tipo de tradução e, por fim, será abordada a tradução médica como uma ramificação mais específica da tradução técnica e científica.

Por último, no terceiro capítulo será feita uma análise dos projetos de tradução realizados e os problemas associados aos mesmos. Em primeiro lugar será determinado o género textual dos projetos de tradução que serão maioritariamente abordados neste capítulo. De seguida, proceder-se-á à análise das dificuldades encontradas no decorrer da tradução de tais projetos. Os obstáculos encontrados foram divididos em: problemas sintáticos, adaptações culturais, terminologia e siglas e acrónimos. Para além disso, cada problema é acompanhado pela solução encontrada.

1. Capítulo 1: O estágio curricular

1.1 Apresentação do GDIAP-ESEP

A Escola Superior de Enfermagem do Porto (ESEP), em funcionamento desde 1 de janeiro de 2007, é uma instituição pública, não integrada no ensino superior politécnico, que se distingue pela sua excelência na formação de enfermeiros e na "criação, transmissão e difusão da cultura, do saber e da ciência e tecnologia, através da articulação do estudo, do ensino e da investigação"[1].

Esta instituição tem como objetivo ser uma referência no ensino da Enfermagem, destacando-se assim na excelência do processo de ensino, no desenvolvimento de competências específicas de Enfermagem e na inovação de modelos assistenciais.

O objetivo da ESEP é então oferecer ciclos de estudo e outras formações direcionados para o desenvolvimento de competências na Enfermagem. Para além disso, tem também como missão promover a investigação e programas de desenvolvimento criadores de novo conhecimento disciplinar e de inovação em saúde, juntamente com outras organizações e redes nacionais e internacionais.

Na estrutura da ESEP podemos encontrar vários serviços, unidades científico-pedagógicas e unidades diferenciadas onde se inserem os gabinetes e também o GDIAP (Gabinete de Divulgação, Imagem e Apoio a Publicações).

De acordo com o Regulamento Orgânico da Escola Superior de Enfermagem do Porto (2018), o GDIAP tem como propósito "difundir a imagem científica e institucional da ESEP", "prestar serviços de apoio à publicação científica" e "gerir e produzir conteúdos de informação interna e externa". Este gabinete tem como funções, entre outras, editar a *newsletter* da ESEP e atualizar os conteúdos do *website* e apoiar a publicação de artigos em revistas nacionais e internacionais e a publicação de monografias em formato *e-book* e livro.

[1] Informação retirado do *website*: https://www.esenf.pt/pt/a-esep/apresentacao/identidade/, consultado a 07 de junho de 2021.

Este gabinete presta, assim, apoio linguístico a toda a Escola Superior de Enfermagem do Porto e foi precisamente neste gabinete que decorreu o estágio curricular.

1.2 Descrição do estágio

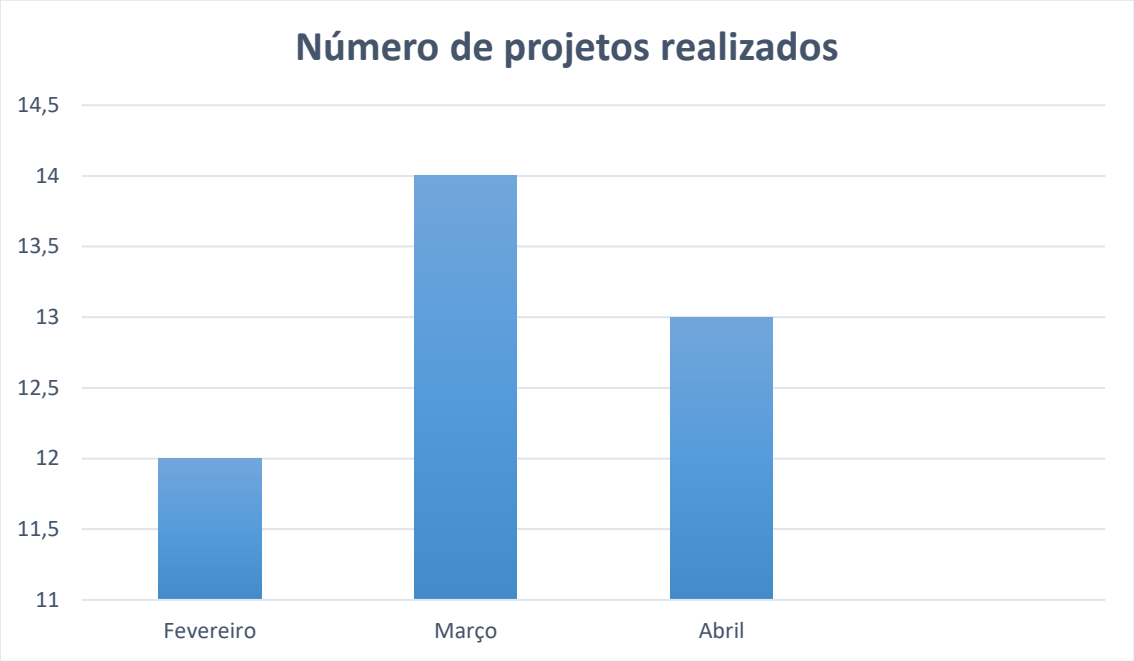
Devido à pandemia da COVID-19, o estágio decorreu totalmente em regime de teletrabalho desde o dia 1 de fevereiro de 2021 até ao dia 30 de abril de 2021. O estágio consistiu em 375 horas, repartidas durante estes três meses, totalizando cerca de 8 horas de trabalho diárias.

Ao longo do estágio houve sempre disponibilidade para esclarecer dúvidas e foram igualmente fornecidas revisões de algumas traduções com comentários pertinentes e dicas úteis para futuras traduções. A comunicação com o GDIAP foi essencialmente feita através de e-mail. Os projetos de tradução eram também recebidos e enviados através desse meio de comunicação.

O estágio consistiu na tradução de vários documentos inseridos na área da enfermagem e/ou cuidados de saúde, nomeadamente textos especializados.

Ao longo deste período foram realizadas 40 tarefas de tradução (é possível verificar no Anexo I os dados sobre os documentos traduzidos). Os documentos envolviam artigos científicos, conteúdos do *website*, manuais, apresentações PowerPoint, entre outros. Estes 40 projetos foram distribuídos ao longo dos três meses de forma não uniforme, como é possível verificar no gráfico 1:

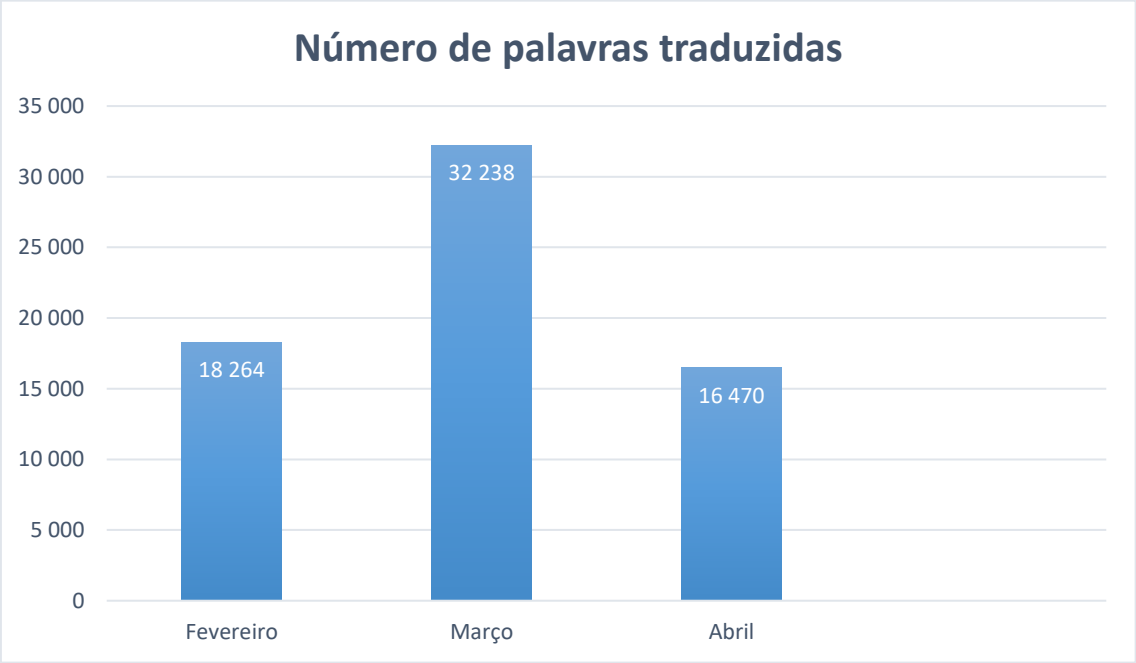
Gráfico 1- Número de projetos realizados



O mês de março foi o mês com mais volume de trabalho, tendo sido realizadas 14 das 40 traduções totais. De seguida, temos o mês de abril com 13 traduções realizadas e, por último, o mês de fevereiro com 12.

O número de palavras, em algumas situações, está ligado ao volume de trabalho, ou seja, foi igualmente no mês de março que foi traduzido o maior número de palavras. Porém, fevereiro teve um maior número de palavras traduzidas do que abril, apesar deste último mês ter tido um maior volume de trabalho, como podemos verificar no gráfico 2.

Gráfico 2- Número de palavras traduzidas



Tendo em conta que o estágio foi realizado em regime de teletrabalho, não foi possível aceder a CAT-Tools como o SDL Trados Studio. Desta forma, ao longo de todo o estágio as traduções foram realizadas recorrendo ao SmartCat, uma CAT-Tool online e gratuita, e ao Microsoft Word. Outras ferramentas como o DeepL e o Grammarly foram igualmente utilizadas para auxiliar na resolução de problemas sintáticos. Para algumas tarefas foram também disponibilizadas memórias de tradução.

Foram também utilizados outros recursos como dicionários, glossários, bases de dados, *websites* de instituições governamentais e documentos comparáveis, como podemos verificar na Tabela 1.

Tabela 1- Ferramentas utilizadas no processo de tradução

Ferramentas utilizadas	
Dicionários	• Merriam-Webster • Priberam • Linguee
Glossários	• ProZ

	• CIPE (Classificação Internacional Para a Prática de Enfermagem)[2]
Bases de dados	• EUR-Lex • IATE
Websites de instituições governamentais	• DGS (Direção-Geral de Saúde) • Ministério da Saúde • DGES (Direção-Geral do Ensino Superior)
Documentos comparáveis	• *A guide to good research practice* – Monash University • *Handbook for good clinical research practice* – World Health Organisation

2. Capítulo 2: Enquadramento teórico

2.1 Tradução inversa

A tradução para uma língua não-materna tem sido um tema bastante debatido em Teoria da Tradução. O termo *directionality* (Pokorn, 2011) está relacionado com a direção da tradução, ou seja, se uma tradução é feita de uma segunda língua para a língua materna, ou da língua materna para uma segunda língua (Mraček, 2018).

No entanto, não existe consenso sobre a terminologia correta a usar quando nos referimos às direções da tradução . De acordo com Pokorn (2011): "Esta prática tem sido descrita por uma panóplia de expressões em Teoria da Tradução, incluindo 'le thème' *(Ladmiral 1979)*, 'service translation' *(Newmark 1988),* 'inverse translation' *(Beeby*

[2] De acordo com a Ordem dos Enfermeiros, "a CIPE foi desenvolvida pelo Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN) e visa uniformizar conceitos e catalogar diagnósticos de Enfermagem, resultados e intervenções, criando uma terminologia comum a todos os enfermeiros". Informação disponível em: https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo-de-p%C3%A1ginas-antigas/classifica%C3%A7%C3%A3o-internacional-para-a-pr%C3%A1tica-de-enfermagem-cipe/, consultado a 20 de setembro de 2021.

1996), 'reverse translation', 'translation into the second language' *(Campbell 1998)*, 'translation into the non-primary language' *(Grosman et al. 2000),* 'translation into a non-mother tongue' *(Pokorn 2005)* e 'translation A-B *(Kelly et al. 2003: 33–42)."*[3]

De acordo com Lonsdale (2009), em português, espanhol, árabe e italiano são usadas as expressões 'tradução direta' (quando a tradução é feita para a língua materna) e 'tradução inversa' (quando a tradução é feita para uma língua estrangeira). Neste relatório optámos, desta forma, por utilizar estas últimas expressões mencionadas para nos referirmos à direção da tradução, uma vez que *directionality* engloba ambas as direções.

O mesmo autor afirma também que a direção da tradução só começou a ser estudada no fim do século XX, quando alguns autores de países onde a tradução para língua não-materna é comum questionaram a pressuposição de que apenas a tradução para a língua materna era viável. A pressuposição, de que a tradução para uma língua não-materna é, em termos de qualidade, inferior a uma tradução para a língua materna, tem sido tomada como verdadeira, principalmente nos países do oeste europeu (Pokorn, 2011).

Segundo Pokorn (2011), a ideia de que os tradutores só dominam a sua língua materna e, por isso, só podem traduzir para essa mesma língua surgiu da "identificação romântica da natureza transcendental da nação com a sua língua"[4].

O público em geral e os próprios clientes não veem diferenças de dificuldade nem de competência entre uma tradução direta e uma tradução inversa. No entanto, para tradutores, intérpretes e académicos da tradução, as diferenças são mais visíveis (Mraček, 2018).

---

[3] Tradução livre da autora. No original: "*This practice has been described by a plethora of expressions in TS, including 'le thème' (Ladmiral 1979), 'service translation' (Newmark 1988), 'inverse translation' (Beeby 1996), 'reverse translation', 'translation into the second language' (Campbell 1998), 'translation into the non-primary language' (Grosman et al. 2000), 'translation into a non-mother tongue' (Pokorn 2005), and 'translation A-B' (Kelly et al. 2003: 33–42)."*

[4] Tradução livre da autora. No original: "Romantic identification of the transcendental nature of the nation with its language".

Como já havia sido referido, a ideia predominante é que os tradutores devem privilegiar a tradução direta, evitando a tradução inversa por se considerar que não é possível fazer uma tradução de qualidade para um língua não-materna. Segundo Newmark (citado por Mračeк, 2018), traduzir para a língua materna "é a única maneira de traduzir naturalmente, com precisão e a máxima eficácia"[5].

A principal falha apontada a este tipo de tradução está relacionada com a naturalidade do TC (texto de chegada). Vários autores afirmam que a tradução inversa é imperfeita e não natural. Samuelsson-Brown (citado por Zahedi, 2014) afirma que "podemos traduzir corretamente para uma língua não-nativa, mas acabará por se tornar evidente que a tradução não foi realizada por um nativo"[6].

Newmark (citado por Zahedi, 2014) apoia esta afirmação e argumenta que a tradução inversa só deve ocorrer nos casos em que não há tradutores disponíveis para uma tradução direta, mas, quando isto acontece, o texto tem de ser obrigatoriamente revisto por um falante nativo.

Duff (citado por Zahedi, 2014) também aponta a falta de naturalidade como o principal ponto fraco de uma tradução inversa. Este autor acredita que a pouca naturalidade do texto de chegada se deve à interferência do TP (texto de partida). Como o texto de partida influencia o texto de chegada, a sua tradução deve ser feita por um tradutor nativo que seja capaz de perceber o poder sugestivo das palavras para além do significado presente no dicionário.

Resumindo, segundo estes autores, os falantes não-nativos nunca serão capazes de compreender tão bem a LC (língua de chegada) nem terão o conhecimento linguístico dos falantes nativos, sendo assim incapazes de produzir uma tradução natural, nativa e autêntica.

---

[5] Tradução livre da autora. No original: "*translate into your language of habitual use, since that is the only way you can translate naturally, accurately and with maximum effectiveness".*

[6] Tradução livre da autora. No original: "*you may be able to translate quite correctly into a foreign language but it will eventually become evident that the translation was not written by a 'native'".*

A premissa de que a tradução inversa é algo 'proibido' e a evitar é a visão predominante na teoria da tradução, tendo muitos autores ignorado o facto de ser uma prática muito comum em vários países. Daqui se depreende que a posição de que a tradução inversa não deveria ser realizada não é a única existente. Catford, por exemplo, afirma que os tradutores devem ser bilingues perfeitos, traduzindo nas duas direções (Pokorn, 2001).

Como já foi referido e ao contrário do que é assumido por muitos académicos, a prática da tradução inversa é algo comumente realizado, principalmente em países mais pequenos que não possuem um volume suficiente de tradutores que dominem a sua língua.

Desta forma, a direção da tradução é influenciada por uma série de fatores, tais como: os pares linguísticos, disponibilidade de tradutores com esses mesmos pares linguísticos e especialistas em determinada área e género textual (Lonsdale, 2009). A globalização e a internet são outros fatores importantes que justificam a prática da tradução inversa.

De acordo com Snell & Crampton (citados por citado por Lonsdale, 2009), alguns autores afirmam que certos textos, como o texto técnico e científico, justificam a tradução para uma língua não-materna, visto que os falantes nativos do texto de partida têm uma maior capacidade de compreensão de texto. Segundo Mraček (2018), a falta de conhecimento de expressões idiomáticas também não é um problema nestes textos, uma vez que o seu objetivo é apresentar a informação de uma forma clara. No fundo, nestes textos especializados o importante é o conhecimento que o tradutor tem sobre o assunto.

O mesmo autor argumenta ainda que, uma vez que o inglês é usado como língua franca, muitos dos textos produzidos não são dirigidos a falantes nativos do inglês, mas sim a toda e qualquer pessoa que deseje consultar o documento. O carácter internacional destes textos anula a premissa de que um falante não-nativo de inglês não possui conhecimentos culturais suficientes para traduzir para essa língua, pois os documentos não são traduzidos em exclusivo para esses falantes nativos. Aliás, pode ser

até preferível recorrer a um tradutor não-nativo visto que este irá traduzir de uma forma mais simples, sem expressões com referências históricas ou culturais.

A posição do inglês como língua franca tem como consequência uma grande produção de conteúdos em inglês (que nem sempre são redigidos por falantes nativos), bem como um aumento do volume de traduções para essa língua.

Prunč (citado por Lonsdale, 2009) também argumenta que não existe uma boa tradução *a priori* porque os critérios de qualidade variam conforme os contextos. Mesmo que um tradutor não possua a capacidade de comunicação e recursos linguísticos de um falante nativo, isto não significa que as escolhas do léxico utilizado sejam inferiores. No entanto, este obstáculo pode ser ultrapassado pelo tradutor não-nativo através de uma recolha de textos na língua de chegada que lhe permita reunir um reportório de expressões usadas numa determinada área ou género textual.

Por outro lado, o ensino da tradução inversa em áreas especializadas pode ajudar a contornar as dificuldades do tradutor e o uso de tecnologias como CAT-Tools que podem auxiliar no processo de tradução (Mraček, 2018)

Ličko (citado por Mraček, 2018) afirma que os "estudantes devem ser ajudados a desenvolver a capacidade de produzir textos de chegada numa língua estrangeira que sejam autênticos quer ao nível da microestrutura, quer ao nível da macroestrutura"[7].

Assim, quer o ensino da tradução quer a tecnologia existente reduzem a suposta diferença de qualidade entre uma tradução direta e uma tradução indireta. O uso de dicionários, *corpora* e programas de tradução aumentaram a qualidade das traduções (Zahedi, 2014). Chesterman (citado por Zahedi, 2014) afirma que falantes não-nativos recorrem a informação quantitativa, a textos não traduzidos comparáveis e à Internet para melhorar a qualidade do texto de chegada e para tornar o texto mais natural.

Na interpretação podemos verificar a mesma discussão. Aqui, a prática de traduzir para uma língua não-nativa (língua B na interpretação) é denominada de *retour*.

[7] Tradução livre da autora. No original: "*trainees should be assisted to develop the ability to produce target texts in a foreign language that are authentic at both microstructural and macrostructural levels".*

O termo francês refere-se à interpretação realizada nas duas direções, utilizando duas línguas. A direccionalidade da interpretação, i.e., se devem interpretar só para a sua língua nativa ou também para a língua B tem sido discutida quer por profissionais, quer por professores desde que a interpretação foi reconhecida como profissão (Page, 2006).

Estas perspetivas estavam representadas, por um lado, pela Europa Ocidental e, por outro, pela Europa de Leste. O bloco ocidental baseou os seus argumentos na *théorie du sens*, dando importância a uma conceção de qualidade na língua de chegada. Seleskovitch (citada por Iglesia & Opdenhoff; 2014), coautora desta teoria, afirma que, "quando ouvimos uma interpretação a superioridade da língua A em relação à língua B é óbvia. (…) Quando os intérpretes trabalham nas duas direções, é fácil de perceber que não só a língua B é mais pobre, como também é subserviente à língua A, a língua de partida"[8].

Por outro lado, a Europa de Leste, liderada pela antiga União Soviética, focou-se na importância da compreensão na interpretação. Segundo Denissenko (citado por Iglesia & Opdenhoff; 2014), "para transferir uma mensagem para a língua de chegada, o intérprete tem de perceber a LP, caso contrário, não haverá nada para interpretar e transmitir" [9]. Desta forma, perceber a mensagem da LP é uma das partes mais importantes do processo de interpretação simultânea, uma vez que é preferível que a mensagem seja transmitida na totalidade, mesmo que de uma forma pouco idiomática.

Ambas as posições apresentam argumentos bastante semelhantes aos argumentos utilizados para a tradução (escrita). Assim, a posição de que a interpretação deve ser apenas feita para a língua materna baseia-se no argumento de que só na língua nativa é que o discurso é natural, idiomático e, por isso, mais adequado para a

[8] Tradução livre da autora. No original: *"When listening to actual interpretation, however, the superiority of an "A" language over a "B" is obvious. (…) When they work both ways, it is easy to note not only that the "B" language is poorer but that it is subservient to the "A" source language".*

[9] Tradução livre da autora. No original: *"To transform a message into the targe language and deliver it, he (the interpreter) has to understand it in the source language, otherwise there will be nothing to interpret and deliver.*

transmissão de informação. Por outro lado, a posição defendida pela antiga URSS afirma que o intérprete percebe melhor o discurso de partida se este for na sua língua nativa, estando em melhor posição para reformular o que entendeu (Gile, 2005). As duas posições são baseadas em experiências pessoais, ideologia e tradição.

Tal como na tradução, a interpretação para a língua B é comum em países de línguas minoritárias que não têm intérpretes disponíveis para certos pares linguísticos. No setor privado é também uma prática comum, apesar da AICC (Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência) manter a posição de que os intérpretes devem interpretar apenas para a sua língua nativa (Page, 2006).

Assim, a tradução inversa é considerada, pela maioria dos académicos e pelas empresas/agências de tradução algo a evitar por se considerar que um falante não-nativo, por muito proficiente que seja na língua não-nativa, não consegue alcançar os níveis de um falante nativo, quer ao nível da naturalidade do texto quer ao nível da sintaxe.

No entanto, a prática da tradução para língua não-nativa e o *retour* são mais comuns do que se possa pensar, devido à pouca disponibilidade de tradutores e intérpretes para pares linguísticos específicos como é o caso, por exemplo, do finlandês. É também importante ressaltar que alguns géneros textuais como os técnico-científicos exigem um grande conhecimento da língua de partida por serem textos mais complexos e com uma linguagem mais especializada. Tendo isto em conta, a tradução inversa não deveria ser descartada e considerada de má qualidade.

Tendo em conta que a maioria dos trabalhos realizados durante o estágio foram traduções inversas, ou seja, traduções do português para o inglês, considerou-se importante abordar aqui este tema por ser ainda muito controverso.

2.2 Tradução técnica e científica

No âmbito do estágio na ESEP, e como já havia sido referido, a grande maioria dos documentos traduzidos enquadram-se na tradução técnica e científica, mais especificamente na tradução na área da saúde/médica. Tendo isto em conta, vamos aqui abordar a tradução técnica e científica e, mais especificamente, a tradução médica.

Segundo Olohan (2009), a tradução técnica e científica consiste em traduzir textos relacionados com tecnologia e ciências aplicadas. Pode ser também considerada 'tradução especializada' ou tradução de uma linguagem especializada. O seu objetivo é traduzir a mensagem da forma mais eficiente e precisa possível. Nestes textos especializados é dado mais ênfase ao conteúdo da mensagem do que à forma.

Apesar das suas parecenças, as modalidades da tradução técnica e da tradução científica não são permutáveis. De acordo com Byrne (2012), "os termos *científico* e *técnico* não são idênticos e a expressão *técnico e científico* não é uma referência tautológica ao mesmo tipo de tradução"[10].

O motivo para estes dois tipos de tradução terem sido agrupados está mais relacionado mais com a forma como são ensinados, do que com as suas similaridades. No entanto, o que os distingue é cada vez mais difícil de perceber, não sendo, por exemplo, incomum um texto científico apresentar características de um texto técnico e vice-versa. Os dois tipos de tradução lidam com terminologia especializada e com assuntos científicos complexos (Byrne, 2012).

Contudo, uma das diferenças entre estas duas categorias textuais está relacionada com a forma como a informação é apresentada. De acordo com Byrne (2012), enquanto o texto técnico é concebido para transmitir informação da forma mais clara e eficiente possível, o texto científico discute, analisa e sintetiza a informação com o objetivo de explicar ideias, propor novas teorias ou métodos de avaliação.

Tendo em conta estas diferenças, a linguagem utilizada nestes textos pode variar e, consequentemente, as estratégias para traduzir estes textos podem ser diferentes.

Montgomery (2010) afirma que hoje em dia é comum os tradutores trabalharem *one-on-one* (diretamente) com o texto, no entanto, se o conhecimento do tradutor sobre um determinado assunto não for suficiente é também comum recorrerem a intermediários. Para além disto, os tradutores técnicos e científicos têm como possível

[10] Tradução livre da autora. No original: *"the terms scientific and technical are not identical and that the expression scientific and technical is not a tautological reference to the same type of translation".*

recurso o uso de dicionários especializados e, desde 2000, que os tradutores são auxiliados por CAT-Tools.

No entanto e ainda de acordo com o mesmo autor, o surgimento destas ferramentas não elimina a necessidade de um tradutor humano, uma vez que a precisão não consegue ser totalmente alcançada sem esse agente humano. A ciência depende em grande parte de um vocabulário altamente especializado e em constante crescimento, podendo ser um desafio para o tradutor.

Para além disso, questões de estilo e cultura são também um problema para o tradutor técnico e científico. A tradução técnica e científica não é apenas um ato denotativo, ou seja, um texto escrito num determinado contexto linguístico-cultural tem de ser adaptado para outro contexto. Assim, a crença de que a tradução técnica e científica é um processo pouco sofisticado, que se baseia apenas numa tradução *word-for-word* não é correta (Montgomery, 2010). A linguagem técnica não é universal, não há uma correspondência direta em todas as línguas, sendo, por vezes, necessária alguma criatividade.

É por isso necessário que o tradutor esteja familiarizado com os textos técnicos e científicos e as suas características, quer na língua de partida quer na língua de chegada.

2.3 Características dos textos técnicos e científicos

Em relação ao estilo do texto, é crença comum que os textos científicos são altamente objetivos e imparciais, sem qualquer criatividade linguística e estilística. No entanto, Locke (citado por Byrne, 2012) contraria essa ideia e afirma que o estilo e a criatividade individual são partes intrínsecas do processo científico. É, desta forma, possível afirmar que a tradução científica tem parecenças com a tradução literária tal como tem com a tradução técnica.

A característica essencial de um texto científico é ser claro, preciso e objetivo (Lima, 2014; Katz, 2009). Assim, o uso de frases ambíguas e longas deve ser evitado, bem como o uso excessivo de frases na voz passiva (EASE, 2014). O formato convencionado

deste texto especializado tem como objetivo evitar distrações do seu conteúdo (Katz, 2009).

Por sua vez, o texto técnico, tal como o texto científico, é caracterizado por ser simples, direto e claro. No entanto, enquanto o texto técnico está focado em transmitir a informação da forma mais clara e eficaz possível, "os textos científicos não se preocupam apenas em transmitir informação, mas também em criar algum tipo de efeito ou suscitar alguma resposta do leitor"[11] (Byrne, 2012). Não é, por isso, incomum encontrar frases longas e complexas nos textos científicos, apesar de não ser uma prática recomendada.

De acordo com Byrne (2012), para além das frases longas, também não é incomum, mais em textos científicos que em textos técnicos, encontrar metáforas. Estas ajudam o autor a dar um nome concreto a um conceito abstrato e são também usadas para explicar processos complexos.

Outra característica dos textos técnicos e dos textos científicos é o uso de terminologia e o uso de abreviações e acrónimos que são tão especializados quanto a terminologia.

Igualmente enquadrada na tradução técnica e científica temos a comunicação técnica. A comunicação técnica tem como objetivo ajudar o leitor a perceber um determinado assunto ou levar o leitor a realizar um procedimento (Byrne, 2012).

Todos os documentos técnicos são redigidos com um objetivo específico e dirigem-se a um público também ele específico. Por vezes, o público a que se dirige é fácil de identificar, sendo assim possível moldar o texto consoante as suas necessidades. Os documentos podem ser lidos por vários públicos, até por aqueles para as quais o documento não era dirigido (Byrne, 2012). No caso dos dois manuais traduzidos no âmbito do estágio curricular (*Manual de Boas Práticas* e *Manual de Apoio a atividades de Ensino Clínico/Estágio*), estes dirigem-se a estudantes na área da saúde, mais especificamente estudantes de enfermagem.

[11] Tradução livre da autora. No original: "scientific texts *are not always concerned solely with conveying information as much as they are with creating some sort of effect or eliciting some response from the reader".*

Como já havia sido mencionado, o objetivo da comunicação técnica é ajudar o leitor a fazer algo. Desta forma, os textos são ferramentas, "um meio para um fim que está fora do próprio texto"[12] (Byrne, 2012). Desta forma, o texto não deve ser o foco de atenção, nem existe para entreter o leitor, mas sim para transmitir as informações certas às pessoas certas. No entanto, o texto científico surge como uma exceção a esta regra. Nestes textos a informação disponibilizada é mais teórica e menos pragmática, tendo assim os autores que criar novos termos para novos conceitos, usar a retórica para convencer os leitores sobre o mérito da informação apresentada (Byrne, 2012).

De acordo com Byrne (2012), *"*imaginem tentar descrever o conceito de uma *Gigante Vermelha* (um tipo de estrela) ou do *Big Bang* (uma forma de explicar as origens do universo) sem usar criatividade literária. Esta dicotomia de função, no entanto, envolve instâncias muito específicas e facilmente identificáveis e não desvirtua a premissa básica".[13]

Segundo a mesma autora, existem vários textos que são usados para comunicar informação científica e técnica como manuais, relatórios e artigos científicos, apresentações, documentos regulamentares e textos de divulgação científica[14].

Tendo em conta os documentos trabalhados no estágio curricular, iremos abordar aqui, de forma breve, apenas os manuais, os relatórios, os artigos científicos e as apresentações.

Os manuais são documentos educacionais que pretendem ajudar os leitores a adquirir novas informações que os ajudem a aprender a fazer ou a perceber alguma

---

[12] Tradução livre da autora. No original: "*a means to an end which is outside the text itself".*

[13] Tradução livre da autora. No original: *"Imagine trying to describe the concept of a Red Giant (a type of star) or the Big Bang (a way of explaining the origins of the universe) without using literary creativity. This dichotomy of function, however, involves very specific and easily identifiable instances and it does not detract from the basic premise."*

[14] Também denominada de *popular science.* De acordo com o Dicionário Cambridge, *popular science* pode ser definida como a ciência "apresentada de uma forma interessante e compreensível para pessoas não especialistas". Informação disponível em https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/popular-science, consultado a 20 de setembro de 2021.

coisa. O objetivo deste texto especializado é fornecer ao leitor o acesso fácil à informação que precisa num determinado momento (Byrne, 2012).

Os artigos científicos combinam informação teórica com informações práticas aplicadas. Estes textos podem ser estruturados de várias formas, mas as mais usuais são (Byrne, 2012):

- IMRAD: Introdução – Materiais e métodos – Resultados – Discussão;
- Abstract – Introdução – Materiais – Procedimentos – Resultados – Conclusões – Referências.

Quanto às apresentações PowerPoint, estas têm sido identificadas como um tipo de texto específico, quer por académicos da escrita técnica quer por académicos da tradução. As apresentações PowerPoint são compostas por texto, gráficos, figuras e animações que trabalham em conjunto para transmitir a informação.

As boas apresentações estarão, desta forma, altamente resumidas devido a questões de restrição de espaço, tempo e legibilidade. Isto constitui um problema para o tradutor, pois é possível existir frases potencialmente ambíguas. Para além disso, é preciso prestar atenção ao espaço ocupado pela tradução, se a tradução for demasiado grande, o tamanho da letra terá de ser diminuído, o que poderá afetar a legibilidade (Byrne, 2012).

Cada texto é produzido com um objetivo diferente e para um público diferente, por isso é importante percebermos como os textos funcionam e para que público se destinam (esta noção está relacionada com a teoria do *Skopos* que será abordada no ponto 2.3.2).

2.3.1 O papel da tradução técnica e científica

A tradução tem desempenhado um papel importante na disseminação de conhecimento. Principalmente devido à globalização e ao desenvolvimento económico de muitos países não-ocidentais, esta transferência de conhecimento científico entre várias fronteiras linguísticas tem aumentado cada vez mais no século XXI (Montgomery, 2010).

Desta forma, a tradução representa o *backbone* do comércio internacional e do esforço científico que o alimenta. Praticamente todos os produtos que serão vendidos e os serviços especializados que serão providenciados irão requerer o envolvimento de tradutores técnicos e científicos nalgum momento da sua vida (Byrne, 2012). Assim, a tradução técnica e científica é uma parte crucial da indústria e da sociedade moderna.

Para além disso, hoje em dia a ciência possui um contexto global e os textos científicos são redigidos em inglês (considerada a língua franca), com o objetivo de serem consumidos a nível mundial (Olohan, 2009; Montgomery, 2010).

Desde o colapso da antiga União Soviética que a transferência de ciência e tecnologia aumentou consideravelmente nos países não-ocidentais. Os trabalhos científicos são agora transferidos por todas as partes do mundo, entre instituições, organizações não-governamentais, departamentos governamentais, etc.

De acordo com Montgomery (2010), isto levou a novas exigências no acesso à informação científica. A grande quantidade de informação científica, juntamente com o desejo de a colocar em inglês, cria um ambiente favorável para a larga expansão da atividade da tradução.

A língua franca, acima mencionada, é também um fator importante na tradução técnica e científica. Uma língua franca é, de acordo com o dicionário de Cambridge, "uma língua utilizada para a comunicação entre grupos de pessoas que falam línguas diferentes"[15] e, segundo House (2013), a língua franca é "uma variedade bastante estável com pouco espaço para variações individuais"[16].

A globalização surge assim como o fator que impulsionou a tradução e o surgimento do inglês como língua franca e, de acordo com Montgomery (2010), "é cada vez mais exigido aos tradutores científicos de todo o mundo mais fluência ou competência de alto nível em inglês, ou então acesso a intermediários com tal fluência. Dada a tendência contínua de adoção do inglês para revistas internacionais,

---

[15] Informação disponível em https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lingua-franca, consultado a 20 de setembro de 2021.

[16] Tradução livre da autora. No original: "*a rather stable variety with little room for individual variation*".

conferências, reuniões empresariais, negociações de política científica, e muito mais, esta exigência só irá aumentar"[17].

2.3.2 Teorias da tradução aplicadas à tradução técnica e científica

Segundo Olohan (2009), as mudanças paradigmáticas "nos estudos de tradução refletem-se na substituição gradual de abordagens baseadas em palavras ou em frases por abordagens mais funcionais e baseadas no utilizador"[18].

De acordo com Byrne (2012), apesar da tradução técnica e científica ter sido altamente negligenciada pelos académicos e nenhuma das teorias da tradução mais conhecidas abordarem esta modalidade diretamente, existem, no entanto, algumas teorias que podem aqui ser aplicadas.

Die Übersetzung naturwissenschaftlicher und technischer Literatur de Jumpelt foi uma das primeiras publicações europeias que tratava o tema da tradução técnica e científica do alemão para o inglês. A abordagem deste autor baseia-se na ideia de que há opções de tradução que o tradutor é livre de fazer, ou seja, são subjetivas e há outras que dependem de diversos fatores, i.e., são objetivas (Olohan, 2009).

Jumpelt foca-se então nas opções que são objetivas, como as mudanças e transposições obrigatórias de tradução ao nível da palavra e da estrutura gramatical que são exigidas pelas características do sistema da LC e as unidades complexas de significado (*complex units of meaning*), como as frases complexas e compostas, onde o contexto e as convenções de uso têm um papel determinante na escolha das opções de tradução. Para além disso, Jumpelt vê também as convenções de género e a necessidade de precisão como fatores importantes na tradução técnica e científica (Olohan, 2009).

---

[17] Tradução livre da autora. No original: "*Scientific translators worldwide increasingly require fluency or high-level competence in English, or else access to intermediaries with such fluency. Given the continued trend of adopting English for international journals, conferences, corporate meetings, science policy negotiations, and more, this condition will only grow*".

[18] Tradução livre da autora. No original: "*Paradigmatic changes in translation studies are mirrored, with word-based or sentence-based approaches gradually ceding to more functional and user-based approaches*".

São estas restrições que tornam a tradução técnica e científica uma tarefa tão exigente quanto a tradução literária.

Em relação às considerações estilísticas, Jumpelt afirma que a tradução de um texto técnico e científico deve ser lida como um texto original sobre o mesmo tema e, desta forma, as escolhas estilísticas são determinadas pela LC e pelo objetivo da tradução (ambos os fatores são independentes do texto de partida). De acordo com Jumpelt (citado por Olohan, 2009), "a equivalência é usada como critério para estabelecer correspondência entre o texto de partida e o texto de chegada, mas é vista como dependente do contexto e da situação, i.e., tendo em consideração as convenções de utilização, institucionais e de género"[19].

An Approach to Technical Translation de Finch foi um dos primeiros livros publicados em inglês que também aborda a tradução técnica e científica. Este autor (citado por Olohan, 2009), identifica como característica específica do texto e da tradução científica o facto de que estes são direcionados para os cientistas e desta forma "o "estilo" intrusivo não deve estar presente"[20].

Finch afirma que é possível criar uma tradução "perfeita" que cumpra a mesma finalidade do texto original, o ideal é a tradução não ser reconhecida como tal. O autor afirma que também é possível criar uma tradução melhor que o original "através da clarificação e não utilização de frases confusas"[21] (Olohan, 2009).

Contudo, e como já havia sido referido, a tradução técnica e científica tem sido ignorada pela maioria dos académicos e é, por isso, difícil de aplicar as teorias mais conhecidas a este tipo da tradução.

Uma das dificuldades está relacionada com o facto de muitas das teorias da tradução adotarem uma abordagem binária que consiste em opor diametralmente dois

---

[19] Tradução livre da autora. No original: *"equivalence is used as a criterion for establishing correspondence between source text and target text, but is seen as dependent on context and situation, i.e., taking usage, institutional and genre conventions into account"*.

[20] Tradução livre da autora. No original: "*obtrusive "style" should be noted by its absence*".

[21] Tradução livre da autora. No original: "*by clarification and avoidance of clumsy phrases*".

extremos, como por exemplo *formal vs. dynamic equivalence* de Nida & Taber, *semantic vs. communicative* de Newmark e *covert vs. overt* de House (Byrne, 2012).

Esta abordagem, apesar de facilitar a descrição das teorias, simplifica em demasia o processo de tradução. O processo de tradução envolve vários e diferentes fatores, sendo quase impossível inserir a tradução numa categoria ou noutra.

Segundo Byrne (2012), tradicionalmente, o TP tem sido considerado o elemento mais importante na tradução, principalmente porque é o ponto de partida de todo o processo e base sob a qual o TC é produzido. Porém, o foco da teoria da tradução tem mudado para uma abordagem mais comunicativa, ou seja, a tradução está a tornar-se cada vez mais um processo comunicativo. Tendo por base esse pressuposto, os fatores orientadores são a mensagem e o recetor, i.e., o conteúdo e o público-alvo. Há então duas perspetivas na teoria da tradução: a que se foca na recriação do texto de partida e a que se foca no texto de chegada.

A mesma autora afirma que o destaque que é dado ao TP é mais visível nas numerosas definições e tipos de equivalência, que dependem todos de uma coisa: uma ligação ou um vínculo de algum tipo entre o TP e o TC. É esta relação que permite que o texto de chegada seja considerado uma tradução do texto de partida, ou seja, o TC tem de se aproximar de algumas das características das quais o TP também se aproxima.

Os tipos de equivalência mais conhecidos são a equivalência formal e a equivalência dinâmica. A equivalência formal foca-se na necessidade de se prestar atenção à forma e ao conteúdo que está na mensagem, i.e., a mensagem na LC deve estar de acordo com as diferentes partes na LP. Esta equivalência pretende alcançar a equivalência entre o texto original e a sua tradução e, até certo ponto, refletir as características linguísticas como a gramática, vocabulário, sintaxe, entre outras[22].

Por outro lado, a equivalência dinâmica baseia-se na noção de que o TC deve ter o mesmo efeito no seu público que o TP tem no seu. Neste tipo de equivalência, o

[22] Translation Theories – Eugene Nida and Dynamic Equivalence - Professional Language Solutions. (2013). Consultado a 20 de maio de 2021, em https://www.ccjk.com/translation-theories-eugene-nida-and-dynamic-equivalence/

importante não é encontrar uma correspondência na LC da mensagem da LP, mas sim em recriar a mesma relação entre o público-alvo e a mensagem, tal como a que existe entre a mensagem e a audiência da LP. O objetivo é produzir um TC que é natural, idiomático e que se foca na CC (cultura de chegada) (Byrne, 2012).

No entanto, conseguir a mesma resposta de diferentes grupos de pessoas pode ser difícil, especialmente se tivermos em conta que "duas pessoas do mesmo grupo linguístico não compreenderão as palavras exatamente da mesma forma"[23] (Byrne, 2012). Assim, esta abordagem torna-se difícil de aplicar e é imprecisa na prática. Aplicar quer a equivalência formal quer a equivalência dinâmica, não só na tradução técnica e científica, mas em qualquer outra modalidade da tradução, raramente produz resultados tangíveis ou específicos para um tradutor, uma vez que são teorias demasiado vagas e subjetivas.

Segundo Byrne (2012), outra crítica que pode ser apontada a esta abordagem é a dificuldade geral em incorporar questões do mundo real, extratextuais, como as restrições de tempo e espaço, a terminologia e estilo de preferência, expectativas do leitor, etc.

Por outro lado e de acordo com a mesma autora, descartar esta abordagem por completo por ser considerada antiquada e por se focar em demasia no texto de partida é excessivo. Os níveis de equivalência dão-nos a possibilidade de comparar o texto de partida com o texto de chegada, apesar de termos de ser cautelosos quando tentamos usar os vários tipos de equivalência para ditar como a tradução deve ser produzida e como o TP e o TC se devem relacionar um com o outro. No entanto, o objetivo desta abordagem não é esse, uma vez que a equivalência não nos pode dizer quais dos seus variados níveis devem ser usados, ou seja, a tradução técnica e científica deve ser regulada e avaliada no contexto das normas, expectativas e regras do texto de chegada, deve ser tratada como se fosse originalmente produzida na língua de chegada e não como uma tradução.

---

[23] Tradução livre da autora. No original: "*no two people from the same language group will understand words in exactly the same way".*

Quanto às abordagens que se focam no texto de chegada, podemos mencionar a *Skopostheorie,* criada por Hans Vermeer em 1978. Ao contrário da equivalência, nesta abordagem, o texto de chegada, ou, mais concretamente, o propósito do texto de chegada é o mais importante para determinar a forma como devemos traduzir um texto (Byrne, 2012).

De acordo com Nord (2010), a *Skopostheorie* considera a tradução uma atividade intencional. "*Skopos*" em grego significa "propósito", sendo este o conceito central desta teoria.

A *Skopostheorie* tem em consideração fatores que se tornaram ainda mais relevantes com a crescente necessidade, na última parte do século XX, de tradução de tipos de textos não literários como os textos técnicos e científicos (Schaffner, 2009). De acordo com esta teoria, o princípio primordial que determina a escolha do método e estratégia em qualquer processo de tradução é o propósito (*Skopos*), i.e., as decisões tomadas pelos participantes da interação são guiadas pelas intenções comunicativas da pessoa que inicia o processo (o cliente, por exemplo) (Nord, 2010). Ao contrário da equivalência, onde o TP e os seus efeitos na audiência da LC determinam o processo de tradução, na *skopostheorie* é o propósito do texto que governa o processo de tradução.

Assim, a forma como vamos traduzir um texto vai depender de quem o vai ler, como o vão usar, de que forma o texto vai ser distribuído, etc. Estes fatores nem sempre são constantes entre o texto de partida e o texto de chegada e são particularmente importantes na tradução técnica e científica (Byrne, 2012).

De acordo com Byrne (2012), a teoria do *skopos* "pode ser difícil de usar na prática porque não diz realmente como devemos cumprir um *Skopos* em particular. Mas ajuda-nos a concentrar nos aspetos mais importantes do processo de tradução"[24].

É, desta forma, possível verificarmos limitações nas teorias mencionadas. Apesar da equivalência nos dar critérios teóricos que nos permitem comparar a tradução com

[24] Tradução livre da autora. No original: "*can be tricky to use in practice because it does not actually say how we are to fulfil a particular Skopos. But it does help us to concentrate on the most important aspects of the translation process*".

o original e que podem ser usados como estratégias. Não têm, porém, em conta os numerosos fatores extratextuais que possuem um papel importante na tradução. A equivalência coloca muita ênfase no papel do texto de partida em detrimento de todos os outros fatores (Byrne, 2012). Por sua vez, a teoria do *skopos*, como é uma teoria geral da tradução, não oferece instruções ou orientações explícitas sobre como alcançar o objetivo específico.

Uma das estratégias que se poderá adotar, é combinar as melhores características da *skopostheorie*, da teoria da equivalência e dos trabalhos sobre tipos de texto. Assim, usaríamos a teoria do *skopos* para determinar o que temos de alcançar com a nossa tradução. Combinado o conhecimento sobre os tipos de texto, podemos produzir uma imagem mais clara do que como a tradução vai ser em termos de linguagem, terminologia e conteúdo tendo por base aquilo que sabemos sobre os textos comparáveis na língua de chegada. Depois, podemos usar os vários níveis de equivalência, não como critérios para comparar textos, mas como diretrizes (Byrne, 2012).

Assim, e apesar de nenhuma teoria nos fornecer um modelo infalível do processo de tradução, especialmente para a tradução técnica e científica, podemos combinar as suas melhores características, desenvolvendo assim o nosso processo de tradução.

2.3.3 Tradução médica

De acordo com Montalt (2011), a tradução médica refere-se a um tipo específico da tradução técnica e científica que se foca na medicina e noutros campos relacionados com a saúde, como a enfermagem, a saúde pública, a psicologia, entre outros. Neste tipo de tradução o inglês constitui-se também como a principal língua de partida. A maioria das investigações são publicadas em inglês e depois transferidas para outras línguas.

Montalt afirma também que, tradicionalmente, a tradução médica é constituída, na sua maioria, por textos altamente especializados e por problemas terminológicos. No entanto, hoje em dia, esta modalidade da tradução não está apenas restrita a géneros

textuais especializados, mas também a outros contextos comunicativos como a prática clínica e educação.

A tradução médica partilha algumas características com outros tipos de tradução. Tal como na tradução jurídica ou literária, a tradução médica envolve a adaptação de diferenças culturais e o uso de CAT-Tools e dicionários (Montalt & Davies, 2014). No entanto, possui também características que a distinguem das restantes modalidades de tradução.

Em primeiro lugar, é condicionada pelos códigos éticos da investigação biomédica e dos cuidados de saúde. A precisão e fiabilidade da informação contida nos textos e a confidencialidade e sensibilidade para com os pacientes são essenciais. Em segundo lugar, a maioria das redes concetuais, reportórios terminológicos, géneros textuais, contextos sociais e recursos são específicos dos contextos médicos e de cuidados de saúde. Assim, a competência em tradução médica depende da familiarização do tradutor com todos estes aspetos (Montalt, 2011).

Na tradução médica, as prioridades são igualmente diferentes. Por exemplo, na tradução literária as maiores preocupações prendem-se com aspetos como o registo, ritmo, trocadilhos, a atitude da personagem ou referências culturais. Na tradução médica, a maior preocupação é lidar adequadamente com a complexidade factual e a precisão, uma vez que falhas neste tipo de tradução podem levar a problemas de compreensão (Montalt & Davies, 2014).

Uma das características mais reconhecidas da tradução médica é a terminologia. Termos para partes anatómicas, doenças, síndromes, medicamentos, equipamento médico, etc., são termos específicos deste tipo de tradução (Montalt & Davies, 2014). Muitos dos termos usados na medicina têm por base formas gregas ou latinas como “kraníon” (Grego) ou “oculus” (Latim) (Montalt, 2011). Estar familiarizado com a terminologia nas línguas envolvidas e ser capaz de resolver todo o tipo de problemas terminológicos – neologismos, sinónimos, polissemia – não são apenas atividades centrais na tradução médica, mas aspetos essenciais na educação contínua dos tradutores profissionais (Montalt & Davies, 2014).

De acordo com Montalt (2011), do ponto de vista da prática da tradução, há duas grandes tendências na terminologia médica: uma direcionada para a normalização (terminologia *in vitro*) e outra direcionada para a variação (terminologia *in vivo*). Para além das formas e termos em grego e latim, que são altamente especializadas e variam apenas na ortografia entre as línguas modernas, a normalização refere-se também a todos os tipos de classificações internacionais e nomenclaturas.

A terminologia médica é também muito dinâmica, refletindo frequentemente as descobertas e inovações através de neologismos. Novos termos são uma realidade frequente nos textos médicos e são um dos aspetos mais desafiantes da tradução médica (Montalt, 2011). O dinamismo e variação da terminologia é também visível na sinonímia e, em menor medida, na polissemia. Os sinónimos podem ser uma fonte de problemas de tradução porque as línguas não são simétricas no seu uso, ou seja, o que numa língua como o português pode ser considerado informal, pode, em inglês, ser totalmente aceitável.

Outro fator importante são os géneros textuais. Para além do conhecimento terminológico, é também necessário que o tradutor esteja familiarizado sobre como os textos funcionam formalmente, socialmente e cognitivamente nas duas línguas e culturas envolvidas no processo de tradução (Montalt, 2011). A tradução médica engloba uma grande quantidade de géneros, tais como artigos publicados em revistas altamente especializadas, guias clínicos para médicos, livros para estudantes universitários, folhetos com informações para o paciente, comunicados de imprensa, documentários sobre saúde e também outros géneros mais gerais, não tão especializados (Montalt & Davies, 2014).

Segundo Montalt (2011), os tradutores que estejam familiarizados com estes géneros podem prever, com mais confiança, a progressão do texto e antecipar possíveis problemas de tradução e terão também uma melhor apreciação do contexto geral. Montalt afirma também que os tradutores precisam de desenvolver competências específicas que lhes permitam lidar com a terminologia, com uma grande variedade de dispositivos textuais e retóricos que muitas vezes variam entre géneros e línguas, com diferentes sistemas de saúde e organizações onde estes géneros são usados, com

diferentes conceitos culturais de saúde, doença e comunicação e com assimetrias de conhecimento entre diferentes comunidades discursivas.

Outro aspeto que deve ser mencionado é a qualidade dos textos médicos. Quando traduzimos um poema ou um guião de um filme, os autores destes textos são escritores competentes. No entanto, o mesmo pode não acontecer com os textos médicos. Muitas vezes, os autores destes textos não são escritores profissionais nem escrevem na sua língua materna. Isto significa que o tradutor tem muitas vezes de lidar com a má qualidade do texto de partida (Montalt & Davies, 2014).

Para além disto, existe uma variedade de situações comunicativas onde uma tradução médica pode ser necessária, abrangendo não só comunicações entre investigadores, mas também qualquer tipo de interação comunicativa sobre saúde que envolva profissionais de saúde, pacientes e o público geral (Montalt & Davies, 2014).

Por fim, a pesquisa em tradução médica tem sido limitada à equivalência terminológica e tem tido um caráter normativo, procurando melhorar a habilidade do tradutor em fazer escolhas ao nível lexical. Para além disso, a tradução médica, tal como a tradução técnica e científica, não tem recebido muita atenção por parte dos investigadores em Teoria da Tradução.

3. Capítulo 3: Análise dos projetos de tradução

3.1 Género textual e tipologia textual

De acordo com a teoria do *Skopos* de Hans Vemeer, numa tradução é importante perceber o objetivo comunicativo do texto para melhor o adaptarmos à cultura e língua de chegada. Torna-se assim importante definir os géneros e tipologias textuais dos documentos traduzidos no decorrer do estágio de maneira a perceber a função e objetivo dos textos.

Como já havia sido referido, durante o estágio foram traduzidos 40 documentos, a maioria pertencendo à área da enfermagem e englobando géneros textuais como artigos científicos, manuais de boas práticas e de apoio a atividades de ensino, questionários, apresentações PowerPoint, certificados, etc.

Adam (1992) identifica seis sequências textuais: narrativa, descritiva, explicativa-expositiva, instrucional-diretiva e dialogal-conversacional. A maioria destes textos são plurissequenciais, i.e., "caracterizam-se por apresentarem vários tipos de sequências textuais" (Pinhão, 2015).

Os artigos científicos, *Intervenções de enfermagem para a promoção do autocuidado na pessoa com traqueostomia: uma scoping review* e *Autonomy on Self-care: Attitudes Assessment (AScAA)*, por exemplo, apresentam uma sequência textual explicativa-expositiva e argumentativa.

A sequência textual explicativa-expositiva foca-se mais em fornecer conhecimento do que em transformar convicções, faz a análise de informações, conceitos e teorias e apresenta, de forma informativa, um objeto ou assunto. É a sequência típica do discurso científico. Como característica desta sequência podemos realçar o uso do presente do indicativo, como podemos ver na Tabela 2:

Tabela 2- Exemplos do uso do presente do indicativo nos artigos científicos traduzidos

Artigo 1: *Intervenções de enfermagem para a promoção do autocuidado na pessoa com traqueostomia: uma scoping review*	Artigo 2: *Autonomy on Self-care: Attitudes Assessment (AScAA)*
"A traqueotomia **é** um dos procedimentos cirúrgicos mais antigos e frequentemente realizados nas instituições hospitalares."	"A independência **remete** para a capacidade de desempenho de atividades de vida diária e de autocuidado, enquanto a autonomia **significa** a capacidade individual da pessoa cuidar de si."
"O termo traqueotomia **refere-se** ao procedimento para criação de uma via aérea artificial, através de uma incisão na parte anterior do pescoço até à traqueia. Por sua vez, o termo traqueostomia **é**	"A existência de compromisso ao nível das atitudes e emoções **é** um fator concorrente para a dependência da pessoa no autocuidado."

habitualmente utilizado para descrever a abertura na traqueia, ou estoma, resultante da traqueotomia.”	

Esta sequência textual pretende fazer saber ou fazer compreender ao interlocutor o que é um certo objeto, descrevendo-o, expondo e explicando elementos ou aspetos desse objeto, tendo um caráter definitório.

Quanto à sequência textual argumentativa, esta estabelece relações entre factos, hipóteses e provas com o objetivo de refutar e/ou comprovar uma ideia. Caracteriza-se, tal como a sequência textual explicativa-expositiva, pelo uso dominante do presente do indicativo, mas também pela presença de muitos conectores discursivos. Na Tabela 3 podemos verificar alguns exemplos de conectores discursivos presentes nos artigos mencionados.

Tabela 3- Alguns exemplos de conectores discursivos nos artigos científicos traduzidos

Artigo 1: *Intervenções de enfermagem para a promoção do autocuidado na pessoa com traqueostomia: uma scoping review*	Artigo 2: *Autonomy on Self-care: Attitudes Assessment (AScAA)*
“**Contudo**, a necessidade de melhorar o cuidado prestado à pessoa com traqueostomia é bem documentada.”	“**Todavia** a AFE serviu para eliminar itens com baixa carga fatorial **e**, **portanto**, com pouca contribuição para explicar o fator, **bem como** perceber o comportamento dos itens em função das dimensões criadas à priori.”
“**Para além disso** permitiu ainda perceber quais os resultados das intervenções descritos nos estudos.”	“No entanto, o grau de escolaridade parece ser um ponto interessante de reflexão**, uma vez que** idosos com um maior grau de escolaridade têm um

	melhor nível de adesão aos tratamentos, encontrando nos recursos disponibilizados, o auxílio necessário para adquirirem mais autonomia."
"**Posteriormente** foi realizada a leitura integral de 113 artigos, sendo incluídos nesta scoping review 31."	"**Contudo**, não se deve confundir independência com autonomia."

Por sua vez o *Manual de Boas Práticas em Investigação Clínica* apresenta um discurso técnico e as sequências textuais descritiva e instrucional-diretiva, enquanto o *Manual de Apoio a Atividades de Ensino Clínico/Estágio*, tal como o *Regulamento sobre o Reconhecimento de Graus e Diplomas Estrangeiros* também traduzido no decorrer do estágio, apenas apresenta a sequência textual instrucional-diretiva.

A sequência instrucional-diretiva prioriza a presença de verbos no imperativo, no conjuntivo com valor de imperativo ou até no indicativo para orientar o leitor na realização de algo. Caracteriza-se também pela enumeração ou caracterização de operações sucessivas necessárias para um certo fim. Na Tabela 4 é possível verificar exemplos que demonstram o caráter instrucional dos documentos mencionados.

Tabela 4- Exemplos do caráter instrucional de alguns textos traduzidos

Manual De Boas Práticas em Investigação Clínica	*Manual De Apoio a Atividades de Ensino Clínico/Estágio*	Regulamento sobre o reconhecimento de graus e diplomas estrangeiros
"O estudo **tem de ser** conduzido de acordo com os princípios éticos estabelecidos na Declaração de Helsínquia e respeitando as boas	"No caso de sofrerem algum tipo de exposição a agentes biológicos durante as atividades de ensino clínico/estágio, os estudantes **devem seguir** o	"Cada uma das formas de reconhecimento previstas **só pode ser requerida** uma única vez para o mesmo grau académico ou

práticas clínicas em pesquisa.”	procedimento existente na ESEP.”	diploma de ensino superior estrangeiro.”
“Como referido anteriormente, a realização de estudos clínicos **é obrigatoriamente** precedida de parecer favorável emitido por uma CEC, sem o qual o estudo não deve ser iniciado.”	“No prazo de oito dias, após o acidente, o estudante **deve entregar** na ESEP a nota de alta do serviço de urgência, (..).”	“Quando estes documentos se encontrem redigidos numa língua estrangeira que não o espanhol, francês e inglês **devem ser acompanhados** de tradução para português devidamente certificada pelas autoridades competentes para o efeito.”
“Os investigadores quando elaboraram o protocolo do estudo e prepararam a documentação para submeter os pedidos de parecer à comissão de ética competente, **devem conhecer** a legislação que regula a atividade de pesquisa clínica (…).”	“O professor da ESEP que acompanha o estudante no ensino clínico/estágio **notifica** a ocorrência ao professor coordenador da respetiva unidade curricular e **envia** uma nota de ocorrência aos serviços académicos, para que estes possam acionar o seguro escolar.”	“O pagamento **deverá ser feito** por transferência bancária.”

Por último, a sequência textual descritiva, tal como o nome indica, é a descrição de propriedades, qualidades e aspetos de pessoas ou coisas. É caracterizada por usar o

presente do indicativo, adjetivos qualificativos e avaliativos, advérbios locativos e verbos de estado.

Estas são as sequências textuais predominantes nos documentos traduzidos, que englobam vários géneros textuais inseridos no discurso técnico e no discurso científico-académico. Estas classificações tornam-se fundamentais para o processo de tradução, pois ajudam a determinar o propósito do TC (texto de chegada) e, assim, elaborar uma estratégia de tradução adequada.

3.2 Problemas e dificuldades encontrados

No decorrer das traduções foram encontradas certas dificuldades, nomeadamente relacionadas com problemas sintáticos, adaptações culturais, terminologia e siglas e acrónimos.

Desta forma, nos próximos subcapítulos iremos abordar tais dificuldades e as soluções encontradas.

3.2.1 Problemas sintáticos

Os documentos traduzidos, como já foi mencionado no ponto anterior, possuem um caráter argumentativo, dissertativo e informacional, com o objetivo de serem publicados para um público internacional.

Tendo em conta a teoria do *skopos* de Hans Vermeer, que define o propósito do texto como o fator a ter em conta aquando da tradução, foi considerado importante adaptar o texto à CC e à LC (língua de chegada) através de várias estratégias.

A escrita académica portuguesa apresenta várias diferenças quando comparada com a escrita académica inglesa. Segundo Bennet (2010), em Portugal a produção académica em humanidades, por exemplo, é marcada por um estilo que parece ter mais em comum com o discurso literário do que com o discurso científico, possuindo características como o excesso de palavras e redundância, a preferência por um registo mais erudito, incluindo uma sintaxe complexa, abstração lexical e o uso extensivo de linguagem figurativa e outras formas de subjetividade. Por sua vez, a escrita inglesa é

descrita como sendo clara, precisa, objetiva, concreta e gramaticalmente simples ou, inversamente, como reducionista e pobre semanticamente.

Assim, e tendo em conta que as traduções ocorreram maioritariamente de português para inglês, uma das grandes dificuldades encontradas ao longo do estágio está relacionada com a complexidade das frases na LP. Estas frases, para além de longas, eram muitas vezes de difícil compreensão.

No caso dos artigos científicos, e ao contrário do que acontece em Portugal, no mundo anglófono a produção académica é altamente regulada (Bennett, 2010). Desta forma, o texto tem de ser adaptado às estruturas e características da LC (neste caso, o inglês).

Iremos, assim, abordar em primeiro lugar as dificuldades sintáticas, nomeadamente no que concerne a frases complexas.

Na Tabela seguinte podemos verificar a tradução de um segmento:

Tabela 5- Segmento traduzido do artigo *Autonomy on Self-care: Attittudes Assessment (AScAA)*

Texto de partida	Texto de chegada
"Um grupo de enfermeiros que acompanham doentes na recuperação da sua autonomia, após um evento gerador de dependência, identificaram um conjunto de 40 indicadores, agrupados em seis dimensões destinados a avaliar os aspetos emocionais e as atitudes com maior impacto no potencial de recuperação da autonomia (Autonomy on Self-care: attitudes assessment - AScAA)."	"A group of nurses that follow patients in the recovery of their autonomy, after a dependency-generated event, identified a group of 40 indicators. Combined into six dimensions, they are used to assess the emotional aspects and attitudes with a bigger impact on the potential to recover autonomy (Autonomy on Self-care: attitudes assessment - AScAA)."

De acordo com as EASE Guidelines for Authors and Translators of Scientific Articles to be Published in English (2015), as frases não devem ser demasiado longas e devem também ter uma estrutura relativamente simples com o sujeito situado perto do verbo.

Desta forma a opção tomada foi dividir a frase para melhor facilitar a compreensão do texto, uma vez que a LC é mais resumida e o uso de frases tão longas impossibilita uma boa compreensão do texto. Assim, esta foi a solução encontrada para que as normas estilísticas da LC sejam respeitadas e para não quebrar a fluidez do discurso.

No entanto, os problemas sintáticos não foram a principal dificuldade sentida nos artigos científicos que, por se destinarem à publicação internacional, foram já redigidos seguindo as *guidelines* das revistas internacionais e, por isso, não apresentavam as características típicas de um artigo científico português. A principal dificuldade dos artigos científicos está, desta forma, relacionada com a terminologia, assunto que será abordado no capítulo 3.2.3.

Mas não é apenas nos artigos científicos que podemos encontrar este tipo de problema, é também possível verificar a sua presença nos projetos traduzidos para o *website* da ESEP, como podemos ver na Tabela seguinte.

Tabela 6- Segmento traduzido do projeto MDevNet: Rede Nacional de Transferência de Conhecimento de Dispositivos Médicos

Texto de Partida	Texto de Chegada
"O projeto combina os resultados do novo modelo de transferência de tecnologia, assente numa abordagem baseada num esforço coletivo de melhorias incrementais que são orientadas segundo requisitos regulamentares e operacionais que condicionam a sua futura aplicação, bem	"The project combines the results of the new model of technology transfer. **Besides**, it is founded on an approach that is based on a collective effort of **incremental improvements**. **These incremental improvements** are guided by regulatory and operational requirements, that condition their future application, as well as the pilot-projects, to show the impact of the improved

como os projetos-piloto para demonstrar o impacto dos resultados melhorados com o conhecimento empírico que emerge das atividades de Rede MDevNet para produzir um conjunto de documentos de elevada relevância para os membros da rede e outras entidades envolvidas na transferência de conhecimento e valorização de dispositivos médicos de base tecnológica.”	results with the empirical knowledge emerging from MDevNet activities**.** The aim is to produce a set of high-relevance documents to network members and other entities involved in the knowledge transfer and valorisation of technology-based medical devices.”

Neste exemplo, a frase apresenta-se bastante complexa por conter várias orações numa mesma frase.

Assim, através da divisão de frases e do uso de conectores como “besides” e de mecanismos de coesão como a anáfora, repetindo o referente textual, foi possível criar um texto mais fluído e adaptado à cultura e língua de chegada. A tradução torna-se, desta forma, mais clara, objetiva e próxima das convenções linguísticas da LC.

Noutras situações, o uso do gerúndio foi também eliminado para garantir a fluidez de discurso característica do inglês e por poder ser ambíguo, sendo preferível uma estrutura mais explícita (Bennett, 2010).

Tabela 7- Exemplo de eliminação do gerúndio

Texto de Partida	Texto de Chegada
“Esta consciencialização reforça a exigência de que a pesquisa seja cientificamente sólida e previamente descrita com clareza em protocolos onde todos os procedimentos (e.g cálculo	This awareness strengthens the requirement that research must be scientifically sound and clearly described in advance in protocols where all procedures (e.g., sample size calculation,

tamanho da amostra, recrutamento de participantes, processo de randomização, ocultação da alocação, intervenção a implementar, avaliação cega…) estejam explanados de forma detalhada e precisa, **sendo estes alvo de uma análise exaustiva e rigorosa** pelas CEC no seu processo de tomada de decisão sobre a aprovação, visando pesquisas cientificamente robustas e pertinentes.”	participant recruitment, randomisation process, allocation concealment, intervention to be implemented, blinded evaluation...) are explained in a detailed and precise manner. **These are the target of a thorough and rigorous analysis** by the CECs in their approval process, aiming at scientifically robust and relevant research [10,12].

Outro problema sintático encontrado nos documentos traduzidos é o uso da voz passiva. Na voz ativa o sujeito é o agente responsável pela ação expressa pelo verbo. Por sua vez, na voz passiva o sujeito não pratica a ação, sendo então necessário um complemento que indique o responsável pela ação sofrida pelo sujeito[25].

Apesar do seu uso ser marcado e aceitável na escrita científica, as EASE Guidelines for Authors and Translators of Scientific Articles to be Published in English (2015) afirmam que as construções passivas não devem ser usadas em excesso e que “ao traduzir, se necessário, modifique a estrutura das frases para transmitir a mensagem corretamente ou de forma mais clara”[26].

Desta forma, ao longo de todo o estágio, esta premissa foi tomada em consideração sempre que uma tradução foi realizada, sendo um artigo científico ou outro género textual, como poderemos ver a seguir nos exemplos retirados do documento *Manual de Apoio a Atividades de Ensino Clínico/Estágio*.

[25] Informação disponível em Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-diferenca-entre-voz-activa-e-voz-passiva/17240, consultado a 15 de junho de 2021

[26] Tradução livre da autora. No original: *“when translating, modify sentence structure if necessary to convey the message correctly or more clearly”.*

Tabela 8- Exemplos de frases na voz passiva e sua tradução

	Texto de Partida	Texto de Chegada
Segmento 1	"O pagamento de taxa moderadora no serviço de urgência ou outro tipo de serviço de saúde, **é efetuado pelo Seguradora**."	"**The Insurer pays the fee** at the emergency service or at any other type of health service."
Segmento 2	"A fim de o estudante receber a melhor informação disponível, **foram apresentadas as medidas de prevenção** a adotar no caso de exposição a HBV, HCV, HIV, meningite, tuberculose e COVID-19."	"For the student to receive the best information available, **we presented the prevention measures** to be adopted in case of exposure to HBV, HCV, HIV, meningitis, tuberculosis, and COVID-19."

Aqui a voz passiva foi transformada em ativa por se considerar que o texto fazia um uso excessivo de passivas e, tendo em conta que o texto serve de guia/manual de instruções sobre como se proceder numa situação específica, era essencial que o texto fosse claro e simples para que o leitor conseguisse retirar a informação da maneira mais acessível possível.

Noutros casos, a passiva foi mantida quer por impossibilidade de poder criar uma frase na voz ativa, quer por se considerar, tal como já foi mencionado, que o uso da voz passiva é incentivado na escrita científica (Marlow, 2014).

Tabela 9- Exemplos em que a voz passiva foi mantida

	Texto de Partida	Texto de Chegada
	"Face aos resultados encontrados, ao esquema	"Given the results found, the conceptual scheme

Segmento 1	concetual sugerido pelo grupo de peritos (organização em 6 dimensões) e ainda pela observação do screen plot, em que o declive da linha reta mostra ter um ponto de inflexão a partir do quarto fator, **procedeu-se a uma nova análise** forçando o modelo a quatro componentes, (…)"	suggested by the group of experts (organisation into 6 dimensions) and also by observing the screen plot, in which the slope of the straight line shows a turning point after the fourth factor, **a new analysis was carried out** forcing the model into four components."
Segmento 2	"A fim de prevenir a exposição ao sangue ou fluídos potencialmente infeciosos, **recomenda-se um conjunto de medidas que fazem parte das Precauções Básicas de Controlo de Infeção** (PBCI), (…)"	"To prevent the exposure to blood or potentially infectious fluids, **a set of measures that are part of the Standard Precautions for Infection Control (SPIC) are recommended** (…)"

Nestes dois exemplos a voz passiva é mantida, mas a ordem sintática foi alterada para melhor se adequar ao estilo da LC. Esta construção deve-se ao facto da LC, ao contrário da LP, não ser uma língua de sujeito nulo e por isso não ser tão flexível com a posição do sujeito na frase. Para além disso, é de ressaltar que no segmento 1 a passiva é mantida porque o importante é destacar a análise que foi feita e não tanto quem a fez.

Durante o estágio foram também encontrados problemas relacionados com a má colocação de vírgulas e má construção frásica.

A pontuação é um dos elementos mais visivelmente afetados numa tradução e é, de igual forma, um aspeto de grande importância. A sua má colocação no TP dificulta a sua compreensão e, consequentemente, a sua tradução.

No *Manual de Boas Práticas em Investigação Clínica*, verificou-se a má colocação de vírgulas a separar o sujeito do predicado, por exemplo: "O presente manual de boas práticas em pesquisa**,** pretende ser um guia orientador para estudantes e todos os que pretendem iniciar o seu percurso na investigação clínica (…)", ou a separar o verbo do seu complemento, como por exemplo "Ambientes onde se promova uma cultura que enfatiza o respeito e a proteção dos sujeitos da pesquisa e que tenha como foco**,** a precisão, o rigor e a honestidade científica ao longo de todo o processo, são contextos facilitadores para que se realize investigação sustentada em boas práticas".

A resolução deste problema passou por eliminar as vírgulas mal colocadas, mas também por evitar o uso excessivo deste tipo de pontuação, uma vez que a LC se diferencia da LP por fazer um menor uso de vírgulas (de Ataide Melo, 2002).

Quanto à má construção frásica, é possível verificar a sua ocorrência em alguns dos projetos traduzidos para o *website* da ESEP. No projeto intitulado *ECare-COPD: Promoção da autogestão na DPOC: Programa Formativo*, podemos encontrar a seguinte frase: "Pretendemos melhorar as competências dos futuros e atuais enfermeiros para a promoção autogestão da doença nas pessoas com DPOC" onde é possível verificar a ausência da contração da preposição "de" com o artigo definido "a" que liga a palavra "promoção" à palavra "autogestão" e que torna o texto coerente. Na tradução foi inserida a preposição "of" para colmatar essa falta[27].

No projeto *PromCom2SAJ: Promoção de comportamentos sociais e de saúde* podemos encontrar a frase seguinte: "Emotions4Health – capacitar para adoção comportamento sociais e de saúde conceção de conteúdos e tecnologias para uma abordagem multicanal de apoio aos jovens dos 17 aos 25 anos promovendo a autoconsciência emocional e o desenvolvimento de competências de comunicação, pensamento criativo e crítico dos jovens" onde podemos verificar a falta da preposição

[27] A tradução total do segmento foi a seguinte: "

"de" entre "adoção" e "comportamento". Podemos também sublinhar a falta de concordância em número entre "comportamento" e "sociais e de saúde" e a ausência de vírgulas na separação de elementos que podem ser listados e na separação de explicações que estão no meio da frase.

Na tradução, estes problemas foram resolvidos, colmatando as ausências que afetavam a compreensibilidade do texto, tal como podemos aqui confirmar: "Emotions4Health – empower people **for** the adoption of social and health behaviours**.** Develop content and technologies for a multi-channel approach to support young people aged 17 to 25**,** promoting, at the same time, emotional self-awareness and the development of young people's communication skills, creative and critical thinking".

Outras situações que constituíram um desafio foi o uso de expressões e sinónimos que não acrescentavam nenhuma informação relevante e tornavam a frase demasiado longa. Podemos verificar essa situação nos exemplos da Tabela 10:

Tabela 10- Exemplos de uso de expressões e/ou sinónimos que foram eliminados no texto de chegada

	Texto de Partida	Texto de Chegada
Segmento 1	"O formulário de consentimento informado e a carta explicativa são documentos-chave no processo de obtenção do consentimento, pelo que devem ser elaborados e redigidos com clareza, por forma que possa ser compreendido por uma pessoa comum".	"The informed consent form and the explanatory statement are key documents in obtaining consent and should be clearly written so that it can be understood by everyone".
	Inúmeras evidências científicas têm demonstrado	Scientific evidence has demonstrated the

Segmento 2	a relação entre bem-estar espiritual, ajustamento à doença crónica, gestão de sinais e sintomas, promoção do autocuidado e vivência das transições saúde-doença.	relationship between spiritual well-being, adjustment to chronic illness, management of symptoms, self-care promotion, and experience of health-illness transitions

No segmento 1, "elaborados" e "redigidos" surgem aqui como sinónimos, pelo que na tradução foi optado por omitir um dos verbos. O mesmo aconteceu com os nomes "sinais" e "sintomas".

Assim, os problemas sintáticos foram uma das dificuldades encontradas no decorrer do estágio. As frases, quer pela sua complexidade, quer por estarem mal formuladas, exigiram uma larga ponderação e consulta de teoria para que a melhor opção pudesse ser tomada.

3.2.2 Adaptações culturais

No decorrer do estágio, foi também necessário fazer algumas adaptações culturais para que toda a informação fosse transmitida na totalidade ao leitor.

No caso do documento *Regulamento sobre o Reconhecimento de Graus e Diplomas Estrangeiros,* que se destinava a alunos estrangeiros, foi necessário adaptar os termos "grau de licenciado, mestre e doutor" por estas serem designações portuguesas. Desta forma, a tradução adotada foi a seguinte: "degree of Bachelor (Licenciado), Master (Mestre), or PhD (Doutor)". A opção de manter entre parêntesis os termos em português prende-se com o facto de que o reconhecimento confere precisamente os graus em português, ou seja, aos estudantes estrangeiros, caso os requerimentos sejam aceites, é lhes conferido o grau de licenciado, mestre ou doutor.

Ainda neste documento foi possível verificar a expressão "vogais", que não possui um equivalente direto na LC. Segundo o dicionário Priberam, um vogal é a pessoa

que tem voto em assembleia, júri ou junta[28]. Desta forma, a resolução deste problema passou por traduzir o seu significado, adotando uma equivalência descritiva. Assim a tradução escolhida foi "voting members".

Para além destas adaptações, foi também necessário fazer adaptações na escrita. Como já tinha sido mencionado, a escrita científica portuguesa e inglesa apresentam muitas diferenças entre si. Assim, foi necessário optar por outras soluções de forma a obter uma tradução mais natural e próxima da língua e cultura de chegada.

De acordo com Marlow (2014), devemos evitar começar uma frase com "It is" pois é uma construção considerada fraca e juvenil. Assim, a frase "É importante que os estudantes da ESEP conheçam os riscos biológicos a que podem ficar expostos e respetivas medidas de prevenção, os fatores a considerar na avaliação do risco da exposição, as modalidades de tratamento pós-exposição e as medidas de vigilância da saúde, para que possam fazer as opções mais seguras para a sua saúde" retirada do *Manual de Apoio a Atividades de Ensino Clínico/Estágio* foi traduzida da seguinte forma: "For ESEP students to make the safest choices for their health, they must know the biological hazards to which they can be exposed and the corresponding preventive measures, the factors to consider when assessing the risk of exposure, the post-exposure treatment modalities, and the health surveillance measures", eliminando do TP a estrutura "é importante".

Outra questão estilística é o uso de "that". Também de acordo com Marlow (2014), "that" só deve ser usado no início de uma oração subordinada ou quando se está a descrever um sujeito/nome. No entanto, no decorrer de uma tradução, para um falante português pode parecer mais natural deixar "that" na frase. Desta forma, a frase "As evidências sugerem que cerca de 30% das mulheres descrevem a sua experiência de parto como traumática. As meta-análises realizadas mostram que o transtorno de stress pós-traumático (PTS) afeta 4% das mulheres após o nascimento e até 18% das mulheres em grupos considerados de alto risco" retirada do projeto *DEVoTION: Perinatal Mental Health and Birth-Related Trauma* foi traduzida da seguinte maneira: "Evidence suggests

[28] Informação disponível em https://dicionario.priberam.org/vogal, consultado a 23 de setembro de 2021.

up to 30% of women describe their birth experience as traumatic. Meta-analyses show post-traumatic stress disorder (PTSD) affects 4% of women after birth and up to 18% of women in high-risk groups". Verbos como "suggest" e "show" não necessitam do determinante "that" e, por isso, esse determinante não foi incluído na tradução.

As adaptações culturais, apesar de não constituírem um problema central, foram igualmente desafiantes, pois exigiram pesquisa de equivalentes e atenção a pormenores sintáticos.

3.2.3 Terminologia

Terminologia e tradução estão intimamente ligadas e partilham algumas características. De acordo com Cabré (2010), tanto a terminologia como a tradução são caracterizadas pela sua longa tradição como matérias aplicadas, em contraste com o seu recente caráter como disciplinas. Ambas tentam reafirmar o seu estatuto como disciplinas através da enfatização das características que as distingue de outras matérias e aderindo a teorias que sustentam a sua natureza autónoma enquanto campos do conhecimento.

A autora afirma também que a terminologia e a tradução são campos interdisciplinares, possuindo uma base cognitiva, linguística e comunicativa, sendo a língua a essência de ambas. A língua é um sistema de expressões que reflete a conceção da realidade do locutor e permite aos indivíduos interagir e expressar as suas ideias e pensamentos. No entanto, a tradução e a terminologia são campos de conhecimento diferentes que se focam também em objetos diferentes. A tradução lida com o estudo do processo da tradução e com a análise do texto traduzido. Por sua vez, a terminologia foca-se "na forma lexical e no conteúdo que representam o conhecimento tal como está estruturado na mente de um perito"[29] (Cabré, 2010).

Apesar da terminologia e da tradução andarem de mãos dadas, a sua relação é assimétrica. A tradução especializada necessita da terminologia para produzir uma

[29] Tradução livre da autora. No original: "*on the lexical form and content nodes representing knowledge as structured in the experts' mind".*

tradução adequada, uma vez que os especialistas usam termos no seu texto. Por outro lado, na elaboração de glossários e na extração de termos, os textos originais são preferidos em detrimento dos textos traduzidos.

A terminologia é, assim, um instrumento para a tradução, providenciando aos tradutores a informação necessária para encontrar um equivalente na língua de chegada, para aprender um significado de um termo ou para selecionar a melhor opção dentro dos vários termos alternativos.

Posto isto, a terminologia pode também acarretar problemas para a tradução. O problema é terminológico apenas quando afeta os termos, i.e., as unidades lexicais com um significado preciso num determinado campo (Cabré, 2010). Este problema pode estar relacionado com a compreensão do termo, com as propriedades pragmáticas no texto original ou com a pesquisa de equivalentes.

No decorrer do estágio, a maioria dos problemas terminológicos prendeu-se com a pesquisa de equivalentes. Apesar de a área da saúde ser um tema muito abordado, quer na língua portuguesa quer na língua inglesa, a equivalência de alguns termos constituiu um problema.

Para além dos termos da área da saúde surgiram outros termos relacionados com instituições e termos jurídicos, especialmente difíceis de traduzir por não existir uma equivalência direta.

Por exemplo, termos como "Unidade Local de Saúde de Matosinhos" e "Programa Operacional Regional do Norte" constituíram um problema terminológico. Quanto ao primeiro termo, retirado do *e-book Implementação De Um Modelo De Supervisão Clínica Em Enfermagem*, não foi possível encontrar a sua equivalência em glossários ou em bases de dados. Desta forma, a pesquisa foi feita nos *websites* de instituições como o SNS (Sistema Nacional de Saúde) e do Ministério da Saúde. Neste último *website* foi, então, possível encontrar uma notícia[30] que incluía o termo traduzido para "Local Health Unit of Matosinhos". Para além disso, também foi possível verificar a

[30] É possível ler esta notícia no link: http://www.acss.min-saude.pt/2021/03/17/victor-herdeiro-is-the-new-president-of-acss/

sua ocorrência na página em inglês do CINTESIS e no *abstract* da tese de doutoramento em que o *e-book* foi baseado.

Quanto ao segundo termo, a dificuldade está relacionada com escolha entre duas possíveis equivalências, uma vez que as duas opções apareciam em *websites* de autoridades fidedignas. A tradução "Norte's Regional Operational Programme" surge no *website* da Comissão Europeia[31], enquanto o termo "North Portugal Regional Operational Programme"[32] surgia na versão em inglês do próprio programa. A opção tomada foi a de escolher o segundo termo por surgir na tradução do próprio programa e por, numa pesquisa no Google, esta equivalência ter mais resultados que a anterior ("Norte's Regional Operational Programme" apresenta 434 resultados, enquanto "North Portugal Regional Operational Programme" apresenta 6 460).

Outros termos, ligados à área jurídica, surgem como um problema devido ao facto de os sistemas judiciais da LP e da LC não serem o mesmo. Assim, podem existir termos da LP que não têm equivalente na LC.

No *Manual de Boas Práticas em Investigação Clínica* foi possível encontrar os seguintes termos jurídicos: "parecer favorável", "articulado da lei", "portaria" e "aditamento".

Os equivalentes foram selecionados a partir do EUR-Lex, uma base de dados que possui documentos da União Europeia e as suas traduções e do ProZ, um website que inclui glossários e dicionários sobre várias áreas especializadas. Os termos acima referidos foram então traduzidos como "favourable opinion", "wording of the law", "decree" e "addition", respetivamente.

O termo "instrução do processo" também surge neste texto, tendo constituído um problema terminológico mais complexo que os acima mencionados. Segundo o lexionário do Diário da República Eletrónico, instrução do processo é "uma fase facultativa do processo comum em processo penal, dirigida pelo juiz de instrução

---

[31] Informação disponível em https://ec.europa.eu/growth/tools-databases/regional-innovation-monitor/policy-document/norte-2020-norte%E2%80%99s-regional-operational-programme-2014-2020, consultado a 17 de junho de 2021

[32] Informação disponível em https://norte2020.pt/sites/default/files/public/uploads/programa/CCDR-N_brochura_Ingles_FINAL_NOVO.pdf, consultado a 17 de junho de 2021

(assistido pelos órgãos de polícia criminal), através da qual se decide se o inquérito deve ser arquivado ou se, ao invés, deve ser submetido a julgamento"[33].

Nos vários documentos e suas traduções presentes no EUR-Lex, este termo surge traduzido como "dealing with the case" ou "investigation of the case" e no IATE como "pre-trial investigation". No entanto, o contexto do texto de partida exige outra equivalência que não as usadas pela União Europeia. No texto, o termo surge da seguinte forma: "Os investigadores quando elaboraram o protocolo do estudo e prepararam a documentação para submeter os pedidos de parecer à comissão de ética competente, devem conhecer a legislação que regula a atividade de pesquisa clínica, assegurando que no momento da instrução do processo estão presentes os elementos necessários para a validação".

Aqui, os autores não se estão a referir a um processo judicial, mas sim ao processo anterior à decisão favorável, ou não, da comissão de ética em relação ao estudo clínico. Assim, e como não existe uma equivalência direta deste termo, a opção tomada foi optar por uma equivalência descritiva, tendo ficado traduzido como "pre-decision process" por se considerar que se adequa melhor ao contexto.

Os documentos traduzidos, uma vez que se inseriam na área da saúde/enfermagem, continham muitos termos médicos. No entanto, estes não colocaram problemas como os termos anteriormente referidos por, como já havia sido mencionado, esta ser uma área bastante estudada em ambas as línguas, existindo glossários, dicionários e outras ferramentas que possuíam as equivalências. Na Tabela 11 podemos ver alguns desses termos:

Tabela 11- Exemplos de termos médicos retirados dos documentos traduzidos

Termo em PT-EU	Termo em EN
Agente patogénicos	Pathogens
Tuberculose	Tuberculosis

[33] Informação disponível em https://dre.pt/web/guest/lexionario/-/dj/125329881/view, consultado a 18 de junho de 2021

Meningite	Meningitis
Vírus da Hepatite C	Hepatitis C Virus
Lesão percutânea	Percutaneous injury
Mucosas	Mucous membrane
Pele não integra	Non-intact skin
Líquido cefalorraquidiano	Cerebrospinal fluid
Líquidos sinovial, pleural, peritoneal, pericárdico e amniótico	Synovial, pleural, peritoneal, pericardial, and amniotic fluids
Fármacos anti retrovíricos	Antiretroviral drugs
Nódulos linfáticos	Lymph nodes
Quimioprofilaxia	Chemoprophylaxis
Antibacilares	Anti-tuberculosis drugs
Teste tuberculínico	Tuberculin skin test
Traqueostomia	Tracheostomy
Traqueotomia	Tracheotomy
Estoma	Stoma

A presença de terminologia em documentos técnico-científicos é característica típica desta categoria de textos e foi, por isso, também uma das dificuldades encontradas no decorrer do estágio. Quer devido à ausência de um equivalente, quer devido à existência de vários equivalentes, a terminologia dos documentos traduzidos exigiu sempre uma pesquisa alargada e completa para que o melhor equivalente fosse escolhido, tendo sido consultados vários *websites* de entidades como o Ministério da Saúde ou da Direção-Geral de Saúde, mas também de textos comparativos que abordavam o mesmo assunto.

3.2.4 Siglas e acrónimos

Siglas e acrónimos são palavras formadas pelas letras iniciais de várias palavras. Os acrónimos distinguem-se das siglas "por permitirem uma leitura silábica"[34]. Estas palavras, quer sejam siglas ou acrónimos, não variam em número, estando o plural já incluído na palavra a partir da qual a sigla/acrónimo surgiu. No entanto, em inglês isto já não acontece, uma vez que o plural é marcado adicionando-se um "s" no fim da sigla/acrónimo.

Estas palavras são altamente utilizadas em textos não literários devido à sua brevidade (Newmark, 1988), constituindo-se assim um problema para a tradução. Em qualquer tipo de texto é comum a presença de elementos culturais, inclusive em textos técnico-científicos. Uma vez que um elemento cultural é um tipo de expressão usado para nos referirmos a um elemento de uma comunidade, considerando-se uma característica específica dessa mesma comunidade, também os acrónimos e siglas se podem considerar como elementos culturais porque são utilizados para fazer referência a uma grande variedade de conceitos e fenómenos (Betancourt Ynfiesta et al., 2013).

O uso de siglas e acrónimos é, então, um problema que surge regularmente na tradução. Em textos especializados são usadas siglas e acrónimos para se referirem a vários fenómenos como doenças, organizações, compostos químicos, entre outros. A principal dificuldade prende-se com a procura da melhor solução, uma vez que esta não depende somente de fatores linguísticos, mas também de fatores extralinguísticos.

De acordo com Betancourt Ynfiesta et al. (2013), os principais problemas associados ao uso de acrónimos e siglas estão relacionados com "a ambiguidade que o seu uso sem classificação cria, a falta de equivalentes na língua de chegada e o uso de um acrónimo ou sigla tal como aparece na língua de partida, ou seja, na forma de

[34] Informação disponível em Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/siglas-e-acronimos/3362#, consultado a 07 de julho de 2021

empréstimo"[35]. Outros problemas estão associados ao uso inadequado de preposições na língua de chegada, géneros gramaticais e marcas de plural.

No decorrer do estágio, o maior problema estava relacionado com a ausência de um equivalente na língua de chegada e com a dificuldade em perceber se as siglas/acrónimos deviam ser mantidas no seu formato original ou se deveriam ser adaptadas. É possível verificar que a adaptação de siglas e acrónimos é diferente em cada país. Em Portugal, por exemplo, a sigla DNA (Deoxyribonucleic Acid) foi adaptada para ADN (ácido desoxirribonucleico), sendo a versão portuguesa a predominante, bem como OMS (Organização Mundial de Saúde) em detrimento de WHO (World Health Organization). No entanto, esta regra não é inteiramente regular, sendo possível verificar a existência de siglas e acrónimos que se mantêm e são utilizadas na forma de empréstimo.

Assim, e de acordo com Lund et al. (1991), quando o acrónimo designa entidades ou organizações especializadas, é, na maioria das vezes, preferível manter o acrónimo original. No caso de organizações oficiais portuguesas encontradas no decorrer das traduções, as siglas/acrónimos foram mantidas e foram inseridas, entre parênteses, as designações das siglas/acrónimos traduzidas. Por exemplo, no caso de INFARMED, por ser uma instituição portuguesa específica e especializada, o acrónimo manteve-se, sendo depois adicionada a tradução da designação do mesmo (Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde), sendo este o resultado final: INFARMED- Portugal's National Authority of Medicines and Health Products. O acrescento de informação de que esta é uma instituição portuguesa (**Portugal's** National Authority) teve como objetivo diferenciá-la de outros organismos, uma vez que a maioria dos países possui uma entidade equivalente, embora com um acrónimo diferente. Foi então considerado, uma vez que o texto traduzido seria para publicação no *website* da ESEP, que o uso deste

[35] Tradução livre da autora. No original: "*Los principales problemas de traducción associados al uso de acrónimos y siglas, están relacionados con la ambigüedad que ocasiona su uso sin clarificaciones, la falta de equivalentes en la lengua de llegada y el uso de un acrónimo o sigla tal y como aparece en la lengua de partida, es decir, en forma de préstamo".*

acrónimo, sem a informação de que era uma instituição portuguesa, poderia ser ambíguo para um público que não estivesse familiarizado com tal instituição.

No caso de DGES (Direção-Geral do Ensino Superior), o mesmo procedimento foi adotado. Estas instituições mantêm as suas siglas e acrónimos, mesmo em documentos oficiais traduzidos encontrados em *websites* oficiais, sendo sempre referidas como DGES ou INFARMED, surgindo apenas a tradução da sua designação[36].

Noutras situações, a sigla ou acrónimo foi adaptada. De acordo com Lund et al. (1991), quando o acrónimo/sigla designa uma entidade importante e quando as frases subjacentes são conhecidas na língua do locutor e são compostas por palavras de uso geral, estas são, na sua maioria, traduzidas.

Podemos ver a seguir alguns exemplos de siglas/acrónimos cuja tradução passou por esta última opção. CEC (Comissão de ética Competente) acaba por manter a mesma sigla uma vez que a tradução adotada possui a mesma ordem de palavras (Competent Ethics Committee). No entanto, CES (Comissão de Ética para a Saúde) teve de ser adaptada para ECH (Ethics Committee for Health), visto que a sua tradução possui palavras e ordem diferentes.

Outras situações incluíam siglas que já possuíam um equivalente na língua de chegada, não sendo assim um grande obstáculo. Por exemplo, "Estratégia de Investigação e Inovação para uma Especialização Inteligente (EI&I)" tem como equivalente em inglês "Research and Innovation Strategy for Smart Specialisation (RIS3)".

Nas únicas traduções realizadas de inglês para português surgiram outros problemas como o da sigla "H&S (health & safety)". Na língua de chegada não é utilizada uma abreviatura para esta expressão, optando-se, então, por não incluir a sigla por se considerar que o seu significado não seria explícito. A sigla "HCWs (health care workers)" foi também um dos obstáculos encontrados. A sigla "PS" referindo-se a "profissionais

[36] No caso de DGES, a tradução adotada para a sua designação foi *"Directorate-general for Higher Education"*, que pode ser encontrada na versão em inglês do próprio *website*.

de saúde" foi encontrada em vários *websites* fidedignos[37]. Desta forma, a sigla foi adotada por questões de limite de espaço[38]. No entanto algumas questões da sua utilização perduraram, uma vez que existe uma sigla igual na língua de chegada (português-europeu) que designa um partido político (Partido Socialista).

Assim, a grande dificuldade relacionada com as siglas e acrónimos prende-se, tal como aconteceu com a terminologia, com o facto de estes possuírem ou não equivalente na língua de chegada e se, caso não possuam tal equivalente, devem ser ou não traduzidos.

[37] Os *websites* mencionados são: https://barometro-covid-19.ensp.unl.pt/resultados-do-questionario-3-profissionais-de-saude-exaustos-para-alem-de-um-numero-pouco-aceitavel-de-infetados/; http://www.cnts.min-saude.pt/wp-content/uploads/2019/07/Ficha-Tecnica-Gestao-de-Caso.pdf; https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/hcp/non-us-settings/profissionais-saude.html

[38] A sigla encontrava-se no título de um diapositivo de uma apresentação PowerPoint e a expressão "profissionais de saúde" ocuparia demasiado espaço.

Considerações finais

O estágio curricular que decorreu na ESEP permitiu consolidar e desenvolver ainda mais as capacidades adquiridas no decorrer do MTSL, tendo sido, desta forma, um complemento do que foi lecionado no mestrado.

O balanço de todo o estágio é, então, bastante positivo. Em primeiro lugar permitiu um primeiro contato com o mercado de trabalho na área da tradução. Permitiu também o desenvolvimento de capacidades e estratégias ligadas à pesquisa de terminologia e à produtividade.

Assim, com a escrita deste relatório foi possível fazer uma reflexão mais profunda do trabalho realizado no estágio, das questões teóricas associadas a esse trabalho e dos problemas encontrados. Verificou-se que a tradução técnica e científica pode ser das áreas mais complexas da tradução e que não se limita a uma tradução direta, sem quaisquer tipos de adaptação.

Foi igualmente possível abordar o tema da tradução inversa que é, ainda hoje, um tema muito controverso. O facto de a grande maioria das traduções no estágio curricular terem sido realizadas para uma língua não-materna (inglês) levantou também muitos desafios. Apesar de não ser a situação ideal para um tradutor, traduzir para inglês ajudou a desenvolver capacidades e a melhorar a confiança na escrita na língua mencionada.

Por outro lado, o facto de nos encontrarmos em teletrabalho limitou a interação com o restante Gabinete da ESEP e a falta de materiais de apoio, como memórias de tradução ou glossários, atrasou um pouco o trabalho que exigia, muitas vezes, várias pesquisas de terminologia.

Conclui-se então que o estágio foi uma mais-valia, pois permitiu um próximo contato com uma área complexa e de grande especialização como a tradução técnica e científica.

Referências Bibliográficas

Adam, J-M. (1992). Los textos: tipos y prototipos. Relato, descripción, argumentación, explicación, diálogo. *Paris, Nathan.* Retrieved from: https://lecturayescrituraunrn.files.wordpress.com/2013/08/unidad-3-compl-adam.pdf

Bennett, K. (2010). Academic discourse in Portugal: A whole different ballgame? *Journal of English for Academic Purposes*, *9*(1), pp. 21–32. https://doi.org/10.1016/j.jeap.2009.11.002

Betancourt Ynfiesta, B., Treto Suárez, L., & Fernández Peraza, A. (2013). Traducción de acrónimos y siglas en textos médicos de Cardiología. *CorSalud*, *5*(1), pp. 93–100.

Byrne, J. (2012). Scientific and Technical Translation Explained: A Nuts and Bolts for Beginners. *Translation Practices Explained,* pp. 1-117.

Cabré, M. Teresa. (2010). Terminology and translation. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 1,* pp. 356-365

de Ataide Melo, C. L. (2002). Punctuation in English & Portuguese Translations: When Every Point Counts. *Meta*, *35*(4), pp. 720–731. https://doi.org/10.7202/003625ar

de la Iglesia, Maria Brander & Opdenhoff, Jan-Hendrik. (2014). Retour interpreting revisited: Tuning competences in interpreter education. *Current Trends in Translation Teaching and Learning. Volume 1*, pp. 4-10

EASE. (2014). *EASE guidelines for authors and translators of scientific articles to be published in english*. *22*(3), pp. 210–217. https://doi.org/10.5455/aim.2014.22.210-217

Gile, D. (2005). Directionality in conference interpreting : A cognitive view. *Communication & Cognition. Monographies*, *38*(1), pp. 9–26.

House, J. (2013). English as a lingua franca and translation. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 4,* pp. 60-62

Katz, M. J. (2009). From Research to Manuscript. *A Guide to Scientific Writing, 2nd edition*.

Lima, M. (2014). Conceção, redação e publicação de artigos científicos. *Revista de Pediatria do Centro Hospitalar do Porto. 22(1),* pp.50-59

Lonsdale, Allison Beeby. (2009). Directionality. In M. Baker, G. Saldanha (Eds.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies, 2nd edition,* pp.84-88

Lund, B. M., Stuttgart, G. N., Stuttgart, D. N., Groos, J., Heidelberg, V., & Gonzalez, F. R. (1991). *Offprint from International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*

Marlow, M. A. (2014). Writing scientific articles like a native english speaker: Top ten tips for portuguese speakers. *Clinics*, *69*(3), pp. 153–157. https://doi.org/10.6061/clinics/2014(03)01

Montalt, V., & Davies, M. G. (2014). *Medical Translation Step by Step: Learning by Drafting*.

Montalt, Vicent. (2011). Medical Translation and Interpreting. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 2,* pp. 79-83

Montgomory, Scott L. (2010). Scientific Translation. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 1,* pp. 299-305

Mraček, D. (2018). Inverse translation: The more challenging direction. *Linguistica Pragensia*, *28*(2), pp. 202–221.

Newmark, P. (1988). A Textbook of Translation. *New York: Prentice Hall.*

Nord, Christiane. (2010). Functionalist Approaches. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 1,* pp. 120-128

Olohan, Maeve. (2009). Scientific and technical translation. In M. Baker, G. Saldanha (Eds.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies, 2nd edition,* pp. 246-249

Page, J. (2006). Godijns, R. and M. Hinderdael (Eds.) (2005). *The Journal of Specialised Translation*, *6*, pp. 2005–2007.

Pinhão, T. P. P. A. (2015). *Géneros textuais e práticas de sucesso no 1º ciclo do ensino básico*. https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40341

Pokorn, Nike K. (2011). Directionality. In Y. Gambier, L. V. Doorslaer (Eds.) *Handbook of translation studies. Volume 2,* pp. 37-39

Regulamento Orgânico da Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, 11 de janeiro de 2018. Retrived from: https://www.esenf.pt/fotos/editor2/a_esep/regulamentos/regulamento_organico_2018.pdf

Schaffner, Christina. (2009). Functionalist approaches. In M. Baker, G. Saldanha (Eds.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies, 2nd edition,* pp. 115-121

Zahedi, S. (2014). L2 Translation at the Periphery: A Meta-Analysis of Current Views on Translation Directionality. *TranscUlturAl: A Journal of Translation and Cultural Studies*, *5*(1–2). https://doi.org/10.21992/t9qd0x

ANEXOS

Anexo 1 – Projetos de tradução

Tabela 12- Projetos de tradução realizados

	Data de início	Data da conclusão	Língua de partida	Língua de chegada	Número de palavras	Tipo de Texto
1	02.02	10.02	PT	EN	7510	Artigo Científico
2	11.02	18.02	PT	EN	208	Página Web
3	11.02	18.02	PT	EN	487	Página Web
4	11.02	18.02	PT	EN	285	Página Web
5	11.02	18.02	PT	EN	320	Página Web
6	11.02	18.02	PT	EN	3153	Página Web
7	11.02	18.02	PT	EN	342	Página Web
8	11.02	18.02	PT	EN	268	Página Web
9	11.02	18.02	PT	EN	359	Página Web
10	11.02	18.02	PT	EN	435	Página Web
11	11.02	18.02	PT	EN	348	Página Web
12	11.02	18.02	PT	EN	190	Página Web
13	22.02	01.03	PT	EN	4359	Artigo Científico
14	01.03	02.03	PT	EN	4570	Descrição de projeto para candidatura
15	03.03	03.03	PT	EN	367	Justificação de orçamento
16	04.03	04.03	PT	EN	3022	Descrição de projeto para candidatura
17	08.03	08.03	PT	EN	380	Texto para legenda

18	15.03	07.04	PT	EN	19930	E-Book
19	17.03	18.03	EN	PT	1029	Apresentação PowerPoint
20	24.03	24.03	PT	EN	191	Indefinido
21	24.03	25.03	PT	EN	367	Questionário
22	24.03	25.03	PT	EN	417	Questionário
23	24.03	25.03	PT	EN	739	Questionário
24	25.03	25.03	EN	PT	1076	Apresentação PowerPoint
25	29.03	29.03	PT	EN	38	Certificado de participação
26	29.03	29.03	PT	EN	52	Certificado de participação
27	29.03	29.03	PT	EN	60	Certificado de participação
28	12.04	20.04	PT	EN	7027	Manual de Boas Práticas em Investigação Clínica
29	12.04	20.04	PT	EN	1245	Reconhecimento de graus e diplomas estrangeiros
30	21.04	22.04	PT	EN	258	Página Web
31	21.04	22.04	PT	EN	320	Página Web
32	21.04	22.04	PT	EN	282	Página Web
33	21.04	22.04	PT	EN	305	Página Web
34	21.04	22.04	PT	EN	262	Página Web
35	21.04	22.04	PT	EN	423	Página Web
36	21.04	22.04	PT	EN	363	Página Web
37	21.04	22.04	PT	EN	359	Página Web
38	21.04	22.04	PT	EN	348	Página Web
39	21.04	22.04	PT	EN	612	Página Web

40	22.04	28.04	PT	EN	4666	Manual de Apoio a atividades de Ensino Clínico/Estágio

Anexo 2 – Plano de Estágio

Plano de Estágio

Estágio:

O estágio será realizado na Escola Superior de Enfermagem do Porto, nomeadamente no Gabinete de Divulgação, Imagem e Apoio à Publicação, e passará por diversas etapas que englobarão não só componentes linguísticas, como outras ligadas a relações externas. O estágio será uma componente de avaliação inserida no mestrado de Tradução e Serviços Linguísticos, sendo que se pretende com o estágio profissionalizante a consolidação dos conhecimentos adquiridos no mestrado assim como o desenvolvimento de novas aptidões e competências que permitirão à estagiária tornar-se uma melhor profissional na área da tradução.

Objetivos e competências a desenvolver:

- Fomentar conhecimentos adquiridos na formação académica como a consolidação dos conhecimentos relativos aos idiomas de trabalho e questões pontuais de como proceder face a certos desafios tradutológicos, tendo por base saberes teóricos adquiridos;

- Desenvolver aptidões técnicas na área da tradução e dos serviços linguísticos tais como perícia em *CAT-Tools*, gestão terminológica, fontes de pesquisa e outras ferramentas e aptidões de trabalho relevantes no âmbito da tradução;

- Dominar competências de tradução de textos técnicos com um elevado grau de especialidade na área da enfermagem e medicina assim como aptidões de revisão e edição do próprio trabalho e do de terceiros;

- Fortalecer o espírito crítico e autónomo, assim como adquirir uma maior flexibilidade de trabalho que permitirá à estagiária ingressar no mercado de trabalho com os conhecimentos técnicos e burocráticos mínimos necessários.

Descrição das atividades a realizar:

- Gestão da ciência, bases de dados terminológicas e memórias de tradução;

- Elaboração de pareceres de propostas de artigos;

- Tradução, revisão e edição de textos técnicos de elevado grau de especialidade, nomeadamente relatórios, projetos de investigação e artigos científicos nas áreas de enfermagem, psicologia e medicina holística;

- Acompanhamento do processo burocrático de publicação de textos científicos em revistas internacionais;

- Análise dos artigos e devida tradução, revisão, adaptação e formatação de acordo com o requerido pelas revistas;

- Acompanhamento da revisão realizada pelas revistas;

- Tradução, revisão e edição de conteúdos institucionais e académicos, assim como documentos legais como editais para bolseiros, cartas ao editor, cover letters, entre